

Maré Vazante

Crônicas do Cotidiano





Índice

Vamos à Maré Vazante (Convite ao Leitor)	3
Prato do dia	4
Escravos da aparência	5
Dias úteis	7
Escolha sua fantasia	9
Simplicidade, simplicidade...	10
Freud explica...	12
SOS para o amor	13
Sementes de martírio	15
Graham Bell e o telefone	16
De poetas e de musas	18
Mulher maravilha	20
Mulher invisível	21
Mania de carro velho	22
Carpe diem (ou Por uma exposição das diferenças)	23
Uma pedra no sapato	24
Um pé livre	25
A hora e a vez da pedra	26
Maria vai de tonta	27
Maria, vai, sua tonta!	28
Maiores abandonados	30
Três pérolas do cotidiano	32
Mais uma pérola	34
Amores de gato	35
Evolução do vocabulário	36
O amor na era tecnológica	37
Procura-se...	39
Características do bom brasileiro	40
A arte de ser brasileiro	41
Na era dos transplantes	42
O peixe morre pela boca	44
Nova mãe para o Freud	45
O pai do Freud	47
Do pó vieste e do pó sairás	48
Recursos Humanos no céu	49
A hora e a vez do cupim	51

Vamos à maré vazante?

Tudo na vida é uma troca: troca-se sensações, experiências, afeto ou desafeto, amor ou desamor, compreensão ou incompreensão. A vida toda está baseada na lei do retorno. Assim sendo, dirijo-me a você, que me dá o prazer de estar aqui nesta página, a primeira de uma série de escritos baseados em observações de fatos e situações do cotidiano, com um convite especial.

Meu intuito é proporcionar a você momentos de reflexão e ao mesmo tempo descontração, numa dicotomia à primeira vista impossível, já que nos acostumamos a colocar reflexão e descontração como dois pólos opostos e irreconciliáveis. No entanto, acredito piamente que nada vida é totalmente irreconciliável e, dessa forma, convido-o a lançar um simples olhar sobre fatos e situações que permeiam o nosso cotidiano e que muitas vezes passam despercebidos, como se fossem a coisa mais natural deste mundo.

Convido-o a pegar uma cadeira de praia e vir comigo para a orla, para juntos nos sentarmos na calçada, mergulharmos nas águas do cotidiano e observarmos o fluxo e refluxo das marés. Observemos o fluxo da maré enchente: traz algas, espuma e até mesmo objetos e lança-os na areia. Preenche até mesmo os pequeninos e imperceptíveis espaços entre os grãos de areia e ali ficam, como se deles sempre tivesse feito parte, de maneira que nem se notam mais as pequenas ou grandes diferenças. No refluxo, leva consigo os detritos e todo e qualquer objeto que ali se encontre e que não lhe oponha resistência.

Assim são certas atitudes e comportamentos humanos: aproveitam-se do momento, das falhas e fraquezas humanas e do momento e se alojam nas cabeças e nas vidas das pessoas, passando a ser consideradas naturais, naturalíssimas.

Pois exatamente minha proposta é que não apenas observemos a maré vazante, mas que sejamos nós próprios a maré que observa com um olho crítico e, quando possível, divertido, e leva todos os detritos, os dejetos que encontramos no caminho, tudo que seja de pouca serventia, que esteja ultrapassado, para o mar alto. E possamos juntos preencher os espaços vazios de nossas mentes com pensamentos e idéias mais arejadas.

Não pretendo ser professoral. Em alguns momentos bastará um olhar e um pouco de bom humor; em outros momentos, esse olhar e esse bom humor estará acompanhado de um aspirador de pó mental, a sugar a poeira dos comportamentos, mas acompanhado também de uma pitada de bom humor, que é o sal da vida.

Assim como a maré, façamos um movimento vazante, sacudindo pequenos detritos que pululam sobre a praia das situações do cotidiano para em seguida, num movimento de maré enchente, preencher os espaços vazios com novas atitudes.

Apenas uma advertência: fique firme em sua cadeira; pense, sorria, divirta-se, mas não se distraia demasiadamente. E, se cair da cadeira, não me culpe, que sou maré vazante, mas não arrasto pessoas.

Então, preparado? Vamos mergulhar no cotidiano! Com um certo senso de crítica e uma leve pitada de humor.

Prato do dia

Arnaldo é um trabalhador comum que, como muita gente, não tem tempo para ir em casa almoçar; costuma freqüentar essas pequenas lanchonetes/restaurantes, onde se servem refeições comerciais e pratos do dia. Geralmente esses lugares têm um esquema mais ou menos fixo: comercial com bife, picadinho ou frango, ou o prato do dia, o qual segue mais ou menos o calendário abaixo:

PRATO DO DIA

2^a. feira - Virado à Paulista
3^a. feira - Bife à rolê com purê e arroz
4^a. feira – Feijoadada
5^a. feira - Macarrão com frango
6^a. feira - Filé de peixe com maionese
Sábado - Feijoadada

Pois bem. É segunda-feira e Arnaldo já trabalhou metade do dia; quando vai ao restaurante, o preço do virado é muito pesado para o seu orçamento; ele vira e revira os bolsos e o dinheiro não dá para pagar o virado, nem o paulista nem qualquer outro que houvesse. O estômago vira e revira de fome, a cabeça, vira e revira de insatisfação.

Na terça-feira, o bife à role é ele mesmo, Arnaldo, enrolado e afogado nas contas a pagar, a própria batata, cozida no vapor do ônibus superlotado que toma para trabalhar, transtornada e transformada em um purê de dívidas.

Na quarta, nem pensar em comer feijoadada, o prato mais caro da semana. Arnaldo já sabe que a feijoadada é ele mesmo, uma mistura de “carne de segunda”, que bem poderia subir um pouco na vida, como no caso do prato de origem humilde, que faz a festa dos brasileiros, mesmo nas “casas grandes” de hoje. Mas cadê a oportunidade?

Na quinta-feira, o macarrão com frango chama a atenção dos italianos por descendência ou por espírito, mas faltam-lhe as vitaminas necessárias a uma refeição equilibrada; além disso, o dinheiro é novamente insuficiente e ele se sente o próprio frango, frito na frigideira ou ensopado na panela dos problemas a resolver e do aluguel atrasado da casinha de fundos na periferia.

Na sexta, para completar, novamente não dispõe do dinheiro para comer o peixe; sente-se, então, um peixe fora d'água, quando compara o seu salário com o custo de vida e percebe que não pode e não deve comer nada, caso contrário o dinheiro não vai dar para a condução de volta para casa. Além disso, pra quê comer maionese, se ele mesmo é o próprio legume picado?

No fim de semana, ele ainda vai fazer um bico em bairro mais central, a fim de ganhar uns trocados a mais. É longe de casa e ele novamente vai à lanchonete/restaurante; a essa altura, confunde-se e lê “lanchorante”. Porque, além de ser semi-analfabeto, traz a cabeça pesada de cansaço e dificuldades.

Enfim, é sábado e de novo, o prato do dia é feijoadada, porém não há dinheiro p'ra todo dia comer o prato do dia e ele então atravessa a rua e entra em uma pastelaria.

Melhor pedir um pastel e, se der, um caldo de cana, ou engolir o pastel a seco e seguir em frente, que atrás vem muito mais gente.

Escravos da Aparência

Marcos e Sônia gabavam-se de ser um casal moderno.

Quando solteira Sônia nadava e fazia ginástica, sempre incentivada pela mãe, que vivia enfatizando que a mulher precisava se cuidar. E a mãe ainda dava o exemplo: também fazia dieta e caminhada porque, segundo ela mesma, “eu engordei, relaxei e ainda perdi seu pai “““.

Quanto a Marcos, jogava tênis; também era um fanático pelo culto à boa forma.

Assim sendo, Sônia caprichava, não deixava por menos em cuidados consigo mesma;

Procurava acompanhar Marcos nesse esquema de culto da forma, tanto pelo exemplo da mãe, como porque temia perdê-lo, que a concorrência estava seriíssima.

Depois do segundo filho, Sônia não conseguiu recuperar o peso de antes. Também ficou preguiçosa em relação a exercícios físicos e esportes, mas, em compensação, tornou-se verdadeira viciada em dietas. Não passava dois dias sem consultar a balança. Experimentou todos os tipos de regimes e apelou até para os moderadores de apetite.

Vivia engordando e emagrecendo, emagrecendo e engordando de novo; por fim, já possuía roupas de diversos tamanhos, desde o manequim 40 até o 48, o que acabou se revelando prático, porque pelo menos, tinha sempre o que vestir.

Iam levando a vidinha de sempre, já meio desenxabida, quando Marcos precisou fazer um estágio no exterior. Sônia reclamou, mas não houve outro jeito: a viagem era um importante passo em sua carreira e Marcos nem ousava desistir.

Bem, enquanto ele estava viajando, cansada de ficar sozinha, Sônia começou a sair um pouco, a ler, a visitar amigas; enfim, começou a ter novamente um pouco de vida própria.

Também voltou a fazer ginástica e desta vez, levou a sério a intenção de emagrecer.

Um dia, foi paquerada por um homem bastante atraente. Marcaram um encontro para o dia seguinte.

Porém em casa, à noite, Sônia já estava se remoendo com uma pontinha de remorso antecipado, quando, para piorar, o marido telefonou, avisando que havia antecipado a volta e estava na firma. Então, ela decidiu não ir ao encontro marcado. Esperaria o marido, que precisavam pôr a conversa e a vida em ordem; tinha percebido nele uma certa frieza antes da partida, mas, questionado, ele alegara preocupação com o trabalho e a viagem próxima. No dia seguinte, Sônia preparou um jantar especial, arrumou-se toda e preparou-se para uma noite romântica.

Já havia praticamente enterrado no poço do esquecimento o episódio da paquera na noite anterior; queria estar com o marido e colocar um fim naquela ansiedade, para o bem ou para o mal.

Enfim, a campainha tocou e ela foi atender:

- Sônia! Você!
- Marcos! Não é possível!
- Não a reconheci ontem! Está magra!
- E você, também está diferente!
- É que fiz implante e...
- Então, você chegou antes?

- Cheguei ontem à noite, mas fiquei no hotel, resolvendo problemas da firma.

Marcos entrou e o jantar foi servido. Nenhum dos dois tocou mais no assunto do encontro.

A noite passou entre o prazer do reencontro e o remorso da traição apenas pretendida. Só um fato salvou esses dois: aos olhos de ambos, ambos eram traidores, ou, olhando por outro ângulo, ninguém era traidor, ninguém tinha sido traído.

Dias Úteis – ou O capitalismo na linguagem

Dona Marta era uma pessoa muito, muito atarefada. Zelosa dos seus intermináveis afazeres de dona-de-casa, nunca tinha tempo para nada. Aliás, para nada que não dissesse respeito à arrumação da casa, à preparação das refeições para o marido e os três “meninos”, como ela ainda os chamava, apesar da maioridade deles.

O marido, este no começo se queixara, porque Dona Marta estava constantemente ocupada, mesmo nos finais de semana, quando ele queria visitar os parentes.

Dona Marta, sempre com suas desculpas, arranjava um jeitinho de ficarem em casa:

- Vicente, eu tenho uma porção de coisas para fazer...
- Eu sei, Marta, mas eu queria ir almoçar com...
- Faz isso. Convide-os para almoçarem conosco.
- Marta...
- Ora, assim eu posso cuidar das minhas coisas antes do almoço.
- Você sempre arranja um jeito de ficar em casa.
- Mas não é mais prático assim?
- Bem, você quem sabe... Parece até que não sabe respirar fora desta casa...
- Ora, depois você conhece os meninos. São meio enjoados para comida.
- São mesmo. Mas você ainda obriga a Carmelita a ajudar na cozinha.
- Ela precisa aprender...
- Mas também precisa se distrair. É muito nova ainda.
- Nova nada, vinte anos e na Faculdade. No meu tempo, eu ajudava. Foi assim que aprendi.

E assim, eles acabavam ficando. Começaram a declinar os convites, não visitavam ninguém; Dona Marta, sempre ocupada com os almoços ou jantares para a família – a dela e a dos parentes, vizinhos e amigos.

Esmerava-se no preparo dos pratos, procurando satisfazer aos gostos de todos. “Seu Vicente” acabou se acostumando e arranjando também mil tarefas para fazer e, assim, ambos passavam o final de semana ocupadíssimo, tanto que já começavam as semanas cansadas.

Até que a filha adotiva cresceu. E crescendo, começou a argumentar contra esse estado de coisas, até porque, adolescente, queria sair e os pais tentavam impedi-la.

- Mas mãe, já não chega a trabalhadora toda com essa casa durante a semana?
- Eu sei, mas durante os “dias úteis” não dá tempo de fazer todo o trabalho.
- Mãe, que história é essa de “dias úteis?”
- Dias úteis é como são chamados os dias de semana, de segunda a sábado.
- E por acaso, o final de semana é inútil?

Nesse ponto, “Seu Vicente” também entrou na conversa, tentando defender o ponto de vista de Dona Marta, pois a essa altura do casamento, os dois já eram mais que marido e mulher, eram irmãos, gêmeos nos hábitos e atitudes.

E os “meninos” entraram também e toda a discussão girou em torno da expressão consagrada, da necessidade do trabalho, da necessidade do descanso, cada defendendo um lado. Claro que a juventude defendia muito mais o descanso...

Então, a filha mais nova, com a lucidez de um sábio, conseguiu finalmente explicar a origem da famigerada expressão:

Resumindo, eis o seu ponto de vista:

Se é verdade que a maioria da população trabalha de segunda a sexta-feira, podemos concluir que, considerando inúteis o sábado e o domingo, a sociedade privilegia excessivamente o trabalho.

- E ao primeiro sinal de discordância, ela concluiu com chave de ouro:

- Aliás, vejo isso como mais um reflexo do capitalismo, essa forma de dominação da mente humana que coloca o homem excessivamente a serviço do capital e nem sempre serve ao bem estar do próprio homem.

Diante do brilhantismo das conclusões da jovem, a conversa encerrou-se com um gritinho de alívio de Dona Marta:

- Raios me partam, mas PRECISO DESCANSAR!

Com o que todos imediatamente concordaram.

A casa vive hoje menos arrumada; compram refeições por quilo e aos domingos, vão à casa dos avós ou a um restaurante. Janta aos domingos, nem pensar, que Dona Marta nem ninguém é de ferro. E quando alguém ainda ao menos pensa na hipótese de tarefas prolongadas no final de semana, os outros são unânimes em contra-argumentar com a frase que virou mania da família:

- Raios me partam, mas preciso descansar!

Escolha sua fantasia

Existe grande quantidade de obras que fazem a apologia do Bem, seja de forma direta ou indireta, ao mesmo tempo em que atacam o Mal.

Os dois - Bem e Mal – costumam apresentar-se bastante estereotipados: quem é bom é sempre muito bom, praticamente sem defeitos, ao passo que o mau nunca tem nada de bom. Será que não existem diabos intermediários?

Em relação ao aspecto físico, o Mal, que é encarnado na figura do Diabo, tem sempre características muito mercantes: rabo, chifre e cores fortes, chamativas (a cor vermelha está sempre presente).

Enquanto isso, o Bem, encarnado em um anjo, é uma figura bonita, embora meio sem graça, sem nada de especial, que possa atrair ou chamar a atenção.

Todo anjo, além das asas, tem vestes brancas - o branco, apesar de ser símbolo da pureza, não chama a atenção como o vermelho, que também é a cor do amor e da alegria. Outro fato que me intriga é a diversidade de demônios que existem por aí: é demônio de rabo, é demônio sem rabo, de chifres, sem chifres, com ou sem garfo, com feições diversas.

E a quantidade de nomes que lhe dão?

É Diabo, é Lúcifer, é Demo, é Satã, além dos vários eufemismos: Anjo do Mal (que incoerência!), Senhor das trevas...

Diante, de tudo isso, fico pensando que a apologia do Bem esteja só na teoria porque, na prática, com tantas características chamativas e tantos nomes, parece que é ao Mal, ao diabo que se dá. Ênfase, é dele que se faz a verdadeira apologia.

Por que não arranjar-lhe um só nome, para facilitar?

E por que não criar, uma figura intermediária (ou várias), que apresentem características boas e más, como acontece com tantas pessoas - uma asa e um chifre, um rabo, talvez, mas sem o garfo tradicional e, quem sabe, uma cara menos assustadora?

Quem sabe assim muitos de nós poderemos mais facilmente nos identificar nessas figuras meio-termo, reconhecendo nelas nossos erros, nossos pecados, nossas tantas culpas?

Quanto a mim, estou em dúvida entre dois nomes: Diabinha do Bem ou Anjo Benfazejo do Mal, que acha o leitor? Quanto às características, creio que dispensaria o rabo que é um apêndice desagradável, feio; mas o garfo, pretendo levar comigo para onde eu for, até porque, como taurina, sou uma incorrigível "bom garfo". Também não dispense a veste vermelha, que é uma das minhas cores prediletas. Além do que, como todos sabem, é a cor da paixão. Enfim, vou fazer de tudo para chamar a atenção e, se não der para usar a fantasia no cotidiano, guardo-a para os próximos carnavais.

Quanto a você que me lê, continua querendo dizer-se apenas um anjo ou já assumiu suas características menos nobres? Enfim, qual vai ser a sua fantasia, de agora em diante? Não vá querer insistir que é um santo (ou uma santa), de vestes douradas e tudo, que eu não só não acredito, como também o mando para o diabo que o carregue...

Simplicidade, simplicidade...

Márcio vivia numa pequena cidade litorânea, o que possivelmente justificasse, pelo menos em parte, a sua personalidade e o modo de vida que levava.

Era uma pessoa diferente, sui-generis o que talvez justifique falar sobre ele.

Flamenguista roxo, doente mesmo, de rir e chorar pelo seu time, empunhar bandeira, torcer, gritar e brigar por causa de um gol feito ou perdido, de uma falta do adversário não marcada pelo juiz.

Mas não é nisso que residia a sua singularidade. Até aí, ele seria apenas mais um torcedor fanático, metido a técnico de futebol como tantos que existem pelo Brasil.

Enquanto em algumas situações demonstrava esperteza, em outras demonstrava ser--uma pessoa simplória, de modo que ficava sempre uma dúvida a seu respeito pairando no ar.

Raciocinava de acordo com o senso comum. E claro que não tinha muita instrução e nem era do tipo que gostasse de leituras, reflexões, indagações e questionamentos.

Levava uma vida simples: além do trabalho como auxiliar de escritório, circulava pela praia, no domingo, com o seu short meio fora de moda, batendo um papinho aqui, outro ali, sempre falando de coisas simples, de amenidades e quase invariavelmente, de futebol.

Aliás, ele mesmo jogava o seu futebolzinho.

- Adooooo futebol! Não dispenso uma pelada com os amigos, no final de semana.

- Eu também gosto! – dizia o outro.

- Futebol é vida, é alegria. Quem não curte futebol, não sabe viver.

E isso, pelo menos para ele, era a mais pura verdade. Às vezes o seu raciocínio chegava a ser quase infantil, embora tivesse uma inteligência mediana.

Logo que foi inaugurada a Ponte Rio-Niterói, viajou para o Rio de Janeiro de carro.

E não é que, entusiasmado, eufórico mesmo diante da grandiosidade da obra, parou o carro bem no meio da ponte, trancou-o e foi apreciar a paisagem?

Pois foi assim: carros buzinando, tentando mudar de pista, parando atrás dele (uns reclamavam, outros xingavam), o trânsito já estava ficando congestionado e Flávio, bem lá na frente, calmo, tranquilo, indiferente ao transtorno que provocava, apenas se deliciando com a visão do mar, dos navios, da ponte em si mesma e todo o resto.

Um deles, mais impaciente, saiu do seu veículo e foi ter com o rapaz:

- Ô cara, ta com algum problema?

- Quê? Ta falando comigo?

- E com quem mais podia ser?

- Qual o problema, amizade?

- Você tá atrapalhando todo mundo, pôxa!

- Ah, cara, tô na minha. Nunca vi tamanha beleza!

A essa altura, o “cara” já ia dando um safanão no dito cujo, que o olhava, entre surpreso, incrédulo e injuriado pela grosseria, quando apareceu uma viatura.

E o guarda, não acreditando em tamanha displicência, ainda lhe pergunta se estava com algum problema. E ele, inabalável em sua simplicidade:

- Nenhum problema, obrigado. Só estou apreciando...

- Mas não pode parar aqui. Não vê que tá atrapalhando?

- Tá bem, vou embora. Mas não acho certo multar...

- Como não acha certo? Ainda reclama da multa?

A essa altura, palavras e palavrões permeavam o ar na direção de Márcio. Alguns já xingavam a família toda, até incalculáveis gerações.

Márcio, após receber a multa do guarda, encaminhou-se devagar para o seu veículo, como se fizesse pouco da revolta geral.

E após retribuir gentilmente uma “banana”, ligou o carro e deu partida, resmungando:

-Não sei porque não posso ficar aqui. Um negócio tão bonito desses! Então, pra que fizeram tudo isso?

Assim era Márcio, figurinha carimbada, como se costuma dizer. E depois ainda há quem duvide da existência das figuras folclóricas.

Freud Explica...

Estive pensando na alarmante facilidade com que as pessoas interpretam a vida alheia.

Diz um velho ditado que: De médico e louco, todo mundo tem um pouco.

E não é só de médico, não. Você passa anos em uma Faculdade para formar-se advogado, médico, psicólogo. E quantas noites insones, quantos fins de semana gastos em pesquisas, Estágios; quantos cursos paralelos, quanto de aperfeiçoamento, especialização para construir uma carreira!

E outros, que mal ouviram falar do assunto, se põem a emitir opiniões, a dar conselhos, a “receitar medicamentos” e a interpretar seu comportamento, sem nada saber de sua vida.

Lembro-me de um caso curioso, acontecido comigo mesmo há alguns anos. E o pior de tudo é que o referido envolvia uma profissional.

Não, não era um leigo querendo interpretar. Era um profissional fazendo uma interpretação aleatória, eu diria quase divinatória, porque nada sabia da minha vida pessoal. Conto-lhes o ocorrido:

Eu estudava à noite – um horário massacrante, de 6:50 às 22:20, algumas vezes até às 23:45. Uma coisa estafante, desgastante, principalmente para quem trabalha durante todo o dia. E quem já cursou uma Faculdade à noite, sabe como é: no final de semana, você ainda tem toneladas de trabalhos, pesquisas, estágios.

Acresce que eu ainda tinha filhos menores e, por essa época, além de estar sem empregada, ainda tive o carro roubado, de modo que chegava em casa à meia-noite e levantava às cinco para deixar pronta a comida e entrar na escola em que lecionava às 6:50. Vida dura, dirá você, e com toda razão. Eu já estava acostumada, embora o cansaço começasse a fazer-se sentir. Mas, como sempre, gostava do que fazia, e nunca fui de reclamar.

Pois foi justamente nessa fase que eu e uma colega resolvemos entrar para um Grupo de Estudos de Psicanálise, que acontecia aos sábados à tarde. Tudo bem no primeiro e no segundo sábados, mas o cansaço ia-se acumulando e formando uma torrente de névoa em minha mente. Eu já começava a sentir-me estafada.

No terceiro sábado, dormi em pleno andamento das discussões. Acordei dez ou quinze minutos depois, meio sem-graça, para ouvir a interpretação da profissional:

- Você está fugindo!
- Estou com muito sono, muito cansada.
- Não adianta negar. Você dorme durante as discussões para fugir aos seus problemas.

E simplesmente mudou de assunto, não dando chance a um questionamento. Ora, ela nada sabia da vida que eu estava levando, da “barra” que estava enfrentando.

Simplesmente, quando chegávamos, nos recostávamos nos almofadões, já que não havia cadeiras, nem sofá. Imediatamente a luz era apagada e ficava apenas uma luz fraca de abajur no canto da sala.

Era nesse ambiente que eu, cansadíssima da rotina estafante a que estava sendo submetida, tomava um contato mais profundo com a Psicanálise.

Digo-lhes apenas que, com o cansaço acumulado e a meia-luz do ambiente, se eu não dormisse, nem Freud explicaria.

S.O.S para o amor

Marina e Roberto conheceram-se em uma festa e logo se sentiram atraídos um pelo outro. Logo perceberam, mais do que atração física, uma afinidade maior, comunhão de idéias, gostos, ideais, tudo aquilo que faz um verdadeiro encontro a dois.

Ora, acontece que ambos eram pessoas bem informadas e, além do mais, conscientes e responsáveis.

Saíram juntos algumas vezes e, em dado momento, sentiram a necessidade daquele “algo mais”.

Já se encontravam no famoso “lugarzinho aconchegante”, quando Marina lembrou-se de fazer a clássica pergunta:

- Como vamos prevenir?
- Ah, bem, deixa pra depois.
- Como deixa pra depois?
- Não sei, não gosto de camisinha.
- Não acredito.
- Por que você não usa pílula?
- Não uso. E não é só isso?
- Então, o que mais?
- Ora, meu bem, a Aids...
- Marina, acho que devia ter tocado nesse assunto antes.
- Eu devia, não, nós devíamos.

Mas ele não se continha: entre abraços, beijos e amassos, tentava fazê-la esquecer o assunto. Mas Marina foi firme: “sem camisinha, nada feito”.

Voltaram ao assunto, dessa vez de forma mais racional. E Marina, como sempre, direta:

- Roberto, você fez exame?
- Que exame?
- Ora, exame do HIV...
- Fiz, mas faz um tempinho.
- Quanto tempo?
- Uns seis meses, mais ou menos.
- Então, meu bem, nada feito. Vamos embora.
- Como assim, vamos embora?
- Assim: você faz o exame e depois do resultado, a gente volta.
- Ah, é assim?
- Não me leve a mal, mas precisamos ser prudentes.
- E você, fez o exame?
- Eu faço, todo mês. Aqui está o último resultado.

E exibiu a Roberto aquele papel frio, que nada falava de amor.

Dito isso, foram embora.

Roberto fez não um, mas três exames, o que demorou alguns dias, inclusive porque desta feita ele queria ter a mais absoluta certeza do que estava fazendo.

Obtidos os resultados – todos os exames deram negativo – Roberto procurou Marina.

Esta havia ido passar alguns dias no interior. A mãe estava adoentada, mas ela estaria de volta logo, logo, era o recado.

Assim que Marina voltou, ligou para Roberto e marcaram novo encontro.

- E então, Roberto?

- Claro, Marina, eu sabia que ia dar negativo.

- Então, vamos comemorar?

- Vamos comemorar naquele “lugarzinho aconchegante”.

Deixaram o barzinho e rumaram para o “lugarzinho”.

Mas, estranhamente, nada ocorreu conforme o esperado. Em pouco tempo ambos perceberam que o momento havia passado e o relacionamento estava definitivamente comprometido.

Tinha-se quebrado o encanto, passado o desejo e, na melhor das hipóteses, se continuassem juntos, tudo seria mais frio e mais mecânico, pois que se destruíra o alicerce da relação, a confiança.

Isto posto, o diálogo final:

- Então, vamos ser amigos?

- Acho que é isso. Ainda podemos ser bons amigos.

Roberto levou-a para casa e ambos manifestaram o desejo de continuar a ser ver, apenas como amigos.

Mas em pouco tempo, interesses conflitantes e outros contratempos acabaram separando-os. Nunca mais se viram, mas na boca de ambos ainda perdura um acre sabor de insatisfação.

Sementes de Martírio

(escrito em um dia 21 de abril)

Milhões de anos de civilização, quinhentos anos de Brasil e um rastro de sangue que cava buracos, penetra por sulcos profundos e permeia as entranhas da terra.

Rastro de sangue advindo de ideais inumanos de conquista de territórios e lutas mil.

Rastro de sangue proveniente do inevitável choque entre atitudes e interesses conflitantes.

Rastro de sangue consequência da necessidade de luta por ideais diversos: liberdade, igualdade, dignidade.

Cristo, Joana D'Arc, Tiradentes...

Tantos idealistas forjados em mártires no embate cruel com forças contrárias e descomunais. Idealistas cujo sangue lavou a crosta terrestre e fertilizou o solo do planeta, gerando novas e abundantes sementes de martírio, que brotam e crescem viçosas em várias partes do mundo.

Mártires foram tantos cristãos entregues a leões famintos.

Mártires foram milhares de crianças, jovens, adultos, barbaramente sacrificados nos campos de concentração.

Mártires foram os índios massacrados no processo de colonização.

Mártires foram os negros mortos nos porões dos navios negreiros e nos chicotes dos feitores.

Mártires foram também as mulheres que, em um dia oito de março, foram sacrificadas apenas porque reivindicavam condições de trabalho humanas.

Mártires são também os civis, mortos em guerras insanas, no Vietnã, na Bósnia e em tantos outros lugares, que já viraram lugares-comuns.

Mártires são jovens, crianças, adultos, imolados em sacrifício e ofertados como cordeiros nos altares da corrupção.

A nós, observadores até certo ponto impotentes, embora indignados, só resta esperar e sonhar que algo de bom aconteça.

Quem sabe um novo dilúvio venha lavar esse sangue, purificando o solo para o plantio e a germinação de sementes do bem?

Graham Bell e o Telefone

Quando Graham Bell inventou o telefone, já tinha gastado tudo que tinha com pesquisas para a fabricação do aparelho e o registro da patente.

A essa altura, já andava muito nervoso, porque não há nada melhor que a falta de dinheiro para mexer com os nervos de alguém. E assim, por causa do seu nervosismo, no ato mesmo da criação, o criador amaldiçoou a sua criatura :

-Você cumprirá a sua missão neste mundo. Despertará a curiosidade e a admiração das pessoas, mas também será depredado e mutilado. Sofrerá grandes transformações e facilitará enormemente a vida no planeta, embora também vá servir como instrumento de sadismo, com o qual certas pessoas atormentarão os outros, de modo que o ódio destas últimas, às vezes, se voltará contra você.

O telefone ouviu e calou-se.

Assim como falou Graham Bell, assim se cumpriu. Até parece que ele estava sendo assessorado por um bruxo, embora eu sempre tenha pensado que os inventores só fossem assediados por gênios do Bem.

E até hoje o telefone cumpre sua dupla missão.

Através dele podemos saber as notícias das pessoas que ridas, mas também podemos ficar sabendo que o nosso grande amor acabou de se casar.

Podemos receber os cumprimentos pelo nosso aniversário, mas também receber o xingamento de alguém cuja linha se cruzou com a nossa.

Podemos receber um maravilhoso convite da pessoa que amamos, ou ainda sermos longamente importunados por aquela pessoa "chata", que não quer perceber, o nosso desinteresse.

Ele pode ser o instrumento para uma belíssima surpresa ou para sermos importunados durante a madrugada com piadas **de** mau gosto de gente desocupada.

Podemos, em questão de segundos, falar com países distantes, mas também podemos ficar muito tempo tentando falar para o mesmo bairro, sem conseguir; ou então, conseguimos uma ligação interurbana não desejada e temos que pagar ao menos os primeiros minutos do erro.

Veja que o telefone é um aparelho tão útil que através dele a gente pode até reclamar à Companhia Telefônica pelo alto preço da conta, embora isso não de o menor resultado. O único resultado concreto é que no próximo mês a conta será ainda mais alta, porque as tarifas sobem constantemente.

E por causa da má utilização do aparelho e da ganância das Companhias Telefônicas e das chamadas "Bolsas de Telefone", por causa dos problemas que surgem com a utilização do mesmo, quem sofre é o coitado do aparelhinho.

Em casa ele pode até ser xingado, mas na rua é depredado, mutilado; tanto aqui como lá ele às vezes é amado e outras, odiado como se fosse culpado pelos problemas das pessoas.

Alguém conhece a fórmula para desfazer essa triste maldição, de modo a ficarmos somente com as vantagens que o telefone oferece ?

Pois não é que outro dia sonhei que fazia uma ligação telefônica para Graham Bell? E tem mais: a fim de desfazer a maldição, eu e ele invocamos o gênio do mal que o assessorou no momento da invenção,

Não me lembro muito bem como terminou o impasse, mas me lembro de logo em seguida ter recebido o Prêmio Nobel da Paz.

E você que me lê, se está pensando que minto, eu lhe digo que você está mordido pelo veneno da inveja. Queria era você não apenas ganhar o Nobel, como resolver de uma vez e para sempre o maldito problema do meu, do nosso e, principalmente, do seu telefone...

Vamos ganhar juntos o Prêmio Nobel da Paz de Espírito? Quem se habilita?

De poetas e de musas

(todos nós precisamos um pouco)

Há alguns anos os poetas eram sujeitos extravagantes, diferentes da maioria; não raro freqüentavam uma roda de boêmios, os quais se reuniam em bares onde, dentre outras coisas que não sei – ou não me interessa imaginar – inspiravam-se para o exercício da poesia.

O ofício de poeta naquela época devia ser bastante singular e sugador das forças de uma pessoa; senão, respondam: por que será que tantos poetas do século passado morreram cedo, consumidos pela tuberculose, na época não curável?

Tudo me leva a crer que as musas inspiradoras eram terríveis devoradoras dos nossos gênios da Literatura: devoravam-nos, aos poucos lhes sugavam a vida na calada da noite à troca de lhes fartarem com o sagrado néctar da inspiração, porque em contrapartida, embora morrendo tão jovens, com que belíssimas obras nos legaram!

Seriam casos de vampirismo poético? O que será que acontecia aos nossos jovens poetas, que assim se iam, deixando-nos um gosto de quero mais? E suas musas, quem seriam e como agiam, que os deixavam ir assim, sem mais nem menos, na flor da idade?

E quanto às musas, o que lhes acontecia?

Dizem as más línguas que é por isso que até hoje existem muitas mulheres sozinhas.

Segundo essa teoria, ao se despedirem da vida, os poetas lançavam uma maldição sobre suas amadas, a qual perdura até hoje. Algo do tipo: Vou, mas em troca desse imenso amor que me consome, você ficará só para todo o sempre. E após o desfecho fatal, elas ficavam por aí, perdidas e sozinhas: algumas entravam para um convento, outras assumiam o papel de tias preferidas de irrequietos sobrinhos, se não caíam na armadilha dos casamentos arranjados, envoltas para todo o sempre pela sombra da infelicidade e da monotonia, mas amparadas por um marido, um teto e a aprovação social.

Eu, mais realista, prefiro acreditar em uma versão menos fantasiosa: irremediavelmente apaixonados por suas deusas e sendo uma época de amores distantes, platônicos e muitas vezes impossíveis, os coitados entregavam-se aos cuidados da Senhora Boemia – e tome noites insones, e tome bebida, e tome sofrimento sem fim; alimentavam-se mal e acabavam contraindo a tuberculose.

De um modo ou de outro, iam-se os poetas e ficavam as musas sozinhas; a meu ver, tudo por culpa da mentalidade puritana da época.

Existe ainda um outro detalhe que me atíça a curiosidade: por que as escritoras nunca tiveram – que eu o saiba – uma palavra masculina correspondente a “musa”? Por que só aos homens é dado esse privilégio?

Ora, acho bom nem começarmos com as hipóteses, mas partirmos diretamente para a luta. Já ousa antever a bandeira e uma intensa campanha publicitária em torno de uma nova palavra.

Tenho tantas idéias: poderíamos, por exemplo, lançar um concurso inédito: “Musos inspiradores”; levaria o prêmio aquele que tivesse inspirado o melhor poema. Um probleminha: muso inspirador, confesso que não me agrada, há algo na expressão que não me soa bem. Mas que quero ter esse direito, isso quero! E por que não? Homens, não me digam que isso lhes soa a “objeto sexual” ou coisa que o valha, não entremos nessas discussões estéreis. Não sejam bobos, nada vai mudar por causa de uma palavra, nenhuma masculinidade ameaçada. Venham, unam-se a nós nesta campanha. Garanto que vão se sentir realizados sendo publicamente reconhecidos como os inspiradores de tanta grande poeta que por aí está.

E então, o que estamos esperando? Mulheres, a postos! Está instaurada uma nova era de reivindicações, desta vez, universal. E tragam seus amores, amigos, colegas e parentes. Por que se eles forem por nós, quem será contra nós?

Mulher Maravilha

Na vida de todas nós, há um tempo – belo tempo - em que a gente se descobre mulher. Belos tempos da adolescência, quando começamos a olhar os rapazes com interesse mais ou menos velado, quando começamos a nos arrumar de forma “adulta”, na intenção de conquistar aquele rapaz da escola ou da vizinhança.

E quando eles passam a nos notar e a olhar com deslavado interesse, então, é a glória. É aí exatamente que a menina se faz realmente mulher: o que antes apenas um projeto, agora se revela em sua totalidade, uma obra prima pronta e acabada, capaz de despertar atenções nos moços e, principalmente, invejas, ciúmes e rivalidades nas colegas.

Um pouco mais tarde, passamos a desempenhar uma profissão, casamos ou arranjamos um companheiro, um amigo – como é mesmo aquele ditado popular: amigado com fé...?

Depois, ou mesmo antes, vêm os filhos, uma casa para cuidar, o marido, mil e uma responsabilidades como dona de casa, além da moderna função de profissional. Aliás, nunca é demais apontar para uma certa semelhança entre Sherazade, a das Mil e uma Noites, eternamente ocupada em distrair seu marido e senhor com belas histórias, evitando ser morta. Somos a própria Sherazade, só que nossas tarefas nada têm das interessantes histórias das mil e uma noites; constam do nosso currículo coisas tão corriqueiras e chatas como: compras do supermercado, fraldas, mamadeiras, toneladas de roupa suja e louça na pia da cozinha, e outros itens pouco nobres. E o castigo, se não dermos conta de nossos desencantos de fadas, será o eterno desprezo do senhor marido, da senhora sogra, de vizinhos e parentes, a eterna pecha de “relaxada” e outras coisas que, por piores que sejam, ainda ficam a dever à nossa consciência, que nos manda cumprir à risca nosso papel de “rainha do lar”.

Nós nos desdobramos, fazemos gato e sapato para dar conta de tudo isso e um pouco mais, a ponto de às vezes esquecermos um pouco quem somos e nos tornarmos meros autônomos, preocupados sempre mais com os outros do que conosco.

Hoje em dia já é mais comum as mulheres se libertarem um pouco mais – principalmente as mais jovens – e curtirem um pouco a vida, sem se afundarem nesse mar de responsabilidades que aceitamos de bom grado, mas que também nos são impingidos por circunstâncias, das quais muitas vezes nem tomamos muita consciência, dobradas sob o peso de uma cultura baseada em uma injusta divisão de tarefas, que sem querer também ajudamos a perpetuar, vergando sob o peso das responsabi....Cansei, mas cansei tanto, só de me lembrar de tudo que já trabalhei, lutei e suei, que nem consegui terminar a palavra. Enfim, depois de muitas lutas travadas no campo profissional, sentimental, conjugal e outros, após a criação dos filhos e outras coisitas que tais, é que me dei conta de que eu, como tantas outras, havia assumido o papel de Mulher Maravilha.

Voava de lá para cá, fazendo tanta coisa ao mesmo tempo e dando conta de tantas tarefas, sem receber um Prêmio, nem ao menos uma pequena estatueta de Mulher Maravilha.

Ah, eu ainda ganho uma estatueta, ora se ganho! Se não ganhar, acabo mandando fazer uma eu mesma, nem que eu tenha que trocar meu nome para Narcisa Versão Tempos Modernos!

Mulher Invisível

Já falei anteriormente sobre os poetas antigos e a aura de mistério e boemia que os cercava. Hoje, porém, com a tecnologia de que dispomos, o computador, a Internet, o cenário fatalmente mudaria. E os encontros de poetas hoje se dão de outras tantas formas, dentre as quais as chamadas “listas de discussão”.

São poetas de várias partes do país, e alguns de outras partes do planeta, que se reúnem em frente à mesma “mesa de bar” do computador, alojados sob o mesmo teto da grande mãe, a Rede, trocando textos, informações, discutindo, criticando, fazendo notar o seu nome e a sua obra. E nessas listas, nas quais se permanece até altas horas da noite, produzindo, trocando textos em prosa e verso, trocando idéias, vivendo, comendo e principalmente bebendo poesia e Literatura em geral, verdadeiros boêmios dos tempos modernos, com a vantagem de hoje em dia ninguém mais morrer de tuberculose, faz-se a atualíssima Literatura.

Eu mesma participo de algumas delas. Acontece que essas listas funcionam de uma forma interessante: quando você envia um e-mail para alguém da lista, esse e-mail é recebido por todos, inclusive você mesmo. A pessoa lhe responde, outro(s) entra (m) no assunto, enfim, a sua caixa de entrada fica superlotada de correspondências, de tal forma que você não consegue dar conta.

Em uma dessas listas, uma pessoa desligou-se simplesmente por achar – sei lá se era verdade – que estávamos sendo espionados por pessoas que teriam se inscrito na lista e nunca enviavam nenhuma mensagem.

Às vezes eu mesma passo alguns dias sem poder enviar qualquer mensagem, responder ou opinar, tal o acúmulo de mensagens; muitas dessas vezes limito-me a ler o que chega, para inteirar-me dos acontecimentos. Aí alguém reclama e diz que sumi. Na verdade, respondo-lhe “não é que sumi, estou aqui, é que não tenho tido tempo, mas tenho lido as mensagens”. Então descubro que, após ter sido por tantos anos a Mulher Maravilha, sem ter ganhado nenhum troféu, desisti da função apenas para tornar-me a Mulher Invisível.

Com uma diferença: desta vez, quero o troféu, consciente que estou das minhas pesadas responsabilidades e de como as cumpro com perfeição – já cheguei a “sumir” por um bom tempo de uma dessas listas.

E se ninguém se dispuser a me dar o troféu, juro que passo o chapéu, ah, se passo! Passo o chapéu para a encomenda de um belo troféu de Mulher Invisível, e contrato, para a confecção da estatueta, o Super Homem. Porque já desisti do troféu de Mulher Maravilha, ainda vou desistir novamente?

E você que me lê, se discordar, invoco o Hulk para fazê-lo desaparecer, desta vez no real e aí sim, quero ver como é que fica. E ainda lhe dou como homenagem póstuma, uma estatueta de...Ora, não me provoque, que não estou para brincadeiras, quero a minha estatueta, quero porque quero! Se não a ganhar, aí sim, não desaparecerei nunca mais e importuná-lo-ei até o fim de seus dias.

Vamos, deixe de se fazer de rogado; com quanto você vai contribuir para a minha estatueta?

Mania de carro velho

Com a vida agitada que se leva, o carro deixou de ser artigo de luxo para ser uma necessidade, embora muitas pessoas trabalhem duro e não consigam ter o seu. Outros ainda dão graças a Deus quando conseguem ter um, ainda que usado.

Mas há quem faça do carro usado uma verdadeira mania.

Não estou falando do usado em bom estado, que ainda por um certo tempo ainda servirá para resolver tantos problemas e facilitar a vida da gente.

Nem estou falando dos carros antigos, que as pessoas possuem por prazer, por paixão e que servem, no mínimo, para preservar a memória da indústria automobilística.

Falo de pessoas que, podendo comprar um carro em melhor estado, se propõem a comprar um outro, bem mais "judiado" e a irem consertando aos poucos o mesmo.

Parece que a pessoa se compraz nessa dificultosa tarefa e, ao mesmo tempo em que vai trocando peças, usa o carro no dia-a-dia.

E o carro enguiça nos momentos mais inesperados e inoportunos, atrapalhando o trânsito, deixando irritado senão o seu dono, pelo menos aqueles que passam por ali.

Dizem que o carro, por si só, já é uma família, devido aos gastos que acarreta; o que não dizer do carro que depende de consertos constantes ?

Se não desiste e parte para outra, o proprietário acaba gastando muito mais do que teria pagado por um carro melhor.

O problema é que a pessoa, após gastar e se aborrecer um bocado, parte para outra, aliás, para outro, em situação idêntica. E haja fôlego para empurrar o "novo" carro e dinheiro para consertá-lo. Tudo porque não teve a paciência de esperar um pouco, aplicando a parte já disponível enquanto junta o restante.

Ou será que, para ela, isso é um desafio a vencer? Já cheguei a perceber no sorriso e no olhar exibido por algumas dessas pessoas um certo ar misterioso de quem está cumprindo importantíssima missão secreta.

Tenho a impressão, de que, no íntimo, elas não estão, apenas, reformando o carro; estão em fantasia inconsciente, reformulando a si mesmas ou, quem sabe, reconstruindo o mundo.

Carpe diem ou Por uma exposição das diferenças

Assisti novamente ao filme Sociedade dos Poetas Mortos, que me remete a várias lembranças e considerações.

Remete-me a Hemingway, que disse olhar cada coisa como se a visse pela última vez. Também houve quem dissesse – e não me lembro quem foi – que olhava cada coisa como se a visse pela primeira vez.

Também me remete a Otto Lara Resende, que abordou o tema em uma crônica de nome Vista Cansada, na qual nos incita a olharmos realmente as coisas, enxergando-as de fato, contrariamente ao que fazemos no que ele chama de “monstro da indiferença”. Lembro-me desse detalhe da crônica, porque após o filme lembrei-me da mesma e fui procurá-la nos livros.

Mas voltemos ao assunto.

Estava muito certo o Otto, quando fala nesse “monstro da indiferença”, que nos impede de ver realmente as coisas, as pessoas.

E eu proponho aqui, para ser possível um nível maior de felicidade ao ser humano, uma “mostra das diferenças”. O que seria isso? Uma exposição de seres, de caras, de fotos, ou o quê?

Nada tão complicado. Apenas proponho que passemos de fato a ver e a valorizar cada coisa como se fosse a primeira vez e também a última, em um equilíbrio à primeira vista utópico ou até contraditório, mas que poderia conferir à vida o sabor de felicidade sempre buscada e quase nunca alcançada.

Ver cada coisa, cada objeto, cada pessoa, como se fosse a primeira vez – com a curiosidade e a alegria da criança, tomados pelo encantamento das coisas simples. Ao mesmo tempo, ver cada coisa, cada objeto, cada pessoa como se fosse a última – conferindo-lhes o devido valor, acrescido de uma certa nostalgia do condenado à morte.

Ora, você dirá que de novo me contradigo: Como sermos felizes assim?

Pois nesse equilíbrio que proponho, à nostalgia está sempre se contrapondo a alegria da criança, e reconhecendo e valorizando esses dois pólos, poderíamos viver no aqui e no agora, curtindo cada mínimo momento, cada sentimento com a sensação de plenitude, vivendo fartamente tanto os momentos de prazer quanto os de dor.

Isso que à primeira vista parece simples, para tantos é o maior empecilho à vida plena.

Enquanto há pessoas que não conseguem expressar seus sentimentos, outras têm dificuldade mesmo em sentir, tão difícil o contato consigo mesmas – não se dão o prazer de viver plenamente as alegrias e os prazeres possíveis, eternos mártires do medo de sofrer.

E se isso não for possível de uma forma natural, eu proporia a ajuda de psicoterapeutas, psicólogos, grupos de estudos e visão (sim, porque de nada adianta refletir, sem enxergar de fato as coisas, sem saboreá-las). Nada tenho contra reflexões, mas muitos de nós nos perdemos em reflexões profundas e permanecemos ou nos tornamos infelizes.

Será que minto, exagero? Se assim o fosse, os índios seriam infelizes.

E se essas propostas, colocadas em prática, de nada adiantassem, então eu realmente proporia uma mostra das diferenças, uma exposição mesmo, de fatos, de fotos, ou até mesmo de pessoas, de cores e raças diversas, ao vivo e em cores.

Porque, com toda a evolução científica e tecnológica do mundo moderno, a felicidade parece cada vez mais ansiada e, ao mesmo tempo, uma possibilidade cada vez mais remota.

Uma Pedra no Sapato

Pedra no sapato...imagem antiga, mas sempre presente, representando dificuldades, obstáculos, incômodos.

Ela incomoda, machuca, irrita, mas temos de prosseguir. Por isso nos abaixamos depressa, removemos a pedrinha e a atiramos longe, com uma certa raiva pelo desconforto e, ao mesmo tempo, aliviados pela libertação.

Quem já não sentiu o aborrecimento de caminhar com uma pedrinha, por menor que seja, debaixo dos pés?

A vida é um amontoado de pedras, grandes, médias, pequenas, de formatos e proporções diferentes, mas sempre presentes. Algumas podem ser removidas com relativa facilidade, outras nem tanto. E existem aquelas que permanecem irredutíveis, em seu eterno e incompreensível prazer de nos ferir, nos atrapalhar.

Há pessoas que se esforçam para remover pequenas e grandes pedras de seus sapatos, mesmo sabendo que nem sempre irão conseguí-lo; há outras que simplesmente deixam o tempo passar, acomodam-se elas e a pedra, na difícil situação, arranhando-se mutuamente. Crentes convictas e fanáticas da teoria de que “o tempo é o melhor remédio”, vão deixando as pedras onde e como estão. Vão se ferindo, vão se machucando, mas cadê coragem para a necessária libertação?

E a pedrinha, muitas vezes impotente para libertar-se por si mesma, ali fica, inerte, sofrendo as conseqüências de uma situação indesejável.

Todos pensam na situação do pé que se fere ao contato da pedra, mas quem já se preocupou com a pedra, que se depara, por acaso ou por força das circunstâncias, debaixo dos nossos pés?

O pé fica ali, machucado, irritado, doído, o que torna mais difícil a caminhada. E a pedrinha também fica ali, prisioneira ávida pela liberdade; desejando soltar-se, respirar o ar fresco da manhã, ver o pôr do sol, ouvir o canto dos pássaros, sentir o perfume das flores. Mas ficam ambos ali, prisioneiros um do outro. Nem o pé a liberta nem ela se livra sozinha.

Lembram-me certas duplas que existem por aí: pai e filho, mãe e filha, que não se entendem, mas continuam presos um ao outro, esquecendo-se de viver cada um a própria vida.

Lembram-me principalmente certos casais que se atormentam, mas não se separam. Onde a força para uma separação necessária, porém dolorosa?

Não compreendem, nem o pé nem a pedra, que se martirizam mutuamente, que a sensação de liberdade, por si só, já vale o esforço e a dor da separação.

Acham-se prisioneiros do destino, mas estão apenas acorrentados a si mesmos, simultaneamente vítimas e cúmplices do sofrimento que se impõem.

Como romper as correntes, desfazer os nós, atirar longe essa pedrinha que tortura e magoa? E como poderá a pedrinha, constantemente calcada sob pés fortes, dar o salto decisivo rumo à liberdade?

Um pé livre

Finalmente liberto da escravidão ao mesmo tempo incômoda e vantajosa, no primeiro momento a surpresa se mistura a uma certa raiva, talvez desconforto por não ter sido ele a dar o passo decisivo para a liberdade.

É certo que há muito tempo vinha sonhando com isso, mas não conseguia decidir-se.

Simultaneamente desejava perpetuar a liberdade total usufruída nas rápidas fugas de algumas horas, de um feriado, de um fim de semana só de chinelos - mas também desfrutava das vantagens que lhe oferecia a companhia da pedra; talvez até gostasse de ser machucado, ferido, apenas para ter do que reclamar.

É bem verdade que existem pés e pés. Alguns bem depressa jogam fora a pedra que os incomoda, mas geralmente eles não têm a coragem suficiente para isso, a não ser que já exista uma outra pedra, mesmo assim olhe lá se vão deixar a comodidade do já conhecido.

Quantos pés não preferem sofrer- ou usufruir? - as conseqüências de duas pedras!, uma em cada sapato?

Em sua filosofia de aventureiros, somados os prazeres oferecidos pelas duas e descontados os aborrecimentos, acabam levando vantagem.

Bem, mas o pé em questão, esse pé específico do qual falo, nunca chegou a tanto, nunca!

É certo que de vez em quando ansiava por outras pedras, olhava-as com admiração e desejo e vez ou outra chegou a pensar em passar à ação, mas logo se recompunha.

A raiva deve provir justamente do fato de que ter sido apanhado de surpresa. Eles detestam isso, como detestam não poderem tomar sempre as grandes decisões. A raiva também se deve ao fato de que não existe outra pedra à disposição, pelo menos no momento; embora dentro de alguns dias e como não há outro jeito, ele começará a gostar dessa liberdade.

Sim, porque poderá cheirar, alisar e até mesmo pisar outras pedras sem ter que prestar contas a ninguém, sem sentir remorsos.

E, o que é ainda melhor, sem as graves responsabilidades de mantê-las sob sua guarda.

Nunca mais a difícil situação de antes, eternamente receoso de deixar que a pedra respirasse, que vivesse por si mesma, sentindo-se péssimo por mantê-la

prisioneira, por machucá-la, enquanto também ficava preso, ferido, machucado ...

Porém ele não se entristece nem se desespera e, animado por outros tantos pés na mesma situação, logo sai por aí à procura de novas aventuras, novas pedras.

Porque na filosofia do pé, viver passou a ser uma adorável e excitante aventura!

A hora e a vez da pedra

Tanto tempo presa debaixo de um pé indeciso, que ameaçava atirá-la longe, mas nunca o fazia, a pedra fez um supremo esforço e, num momento de distração desse pé que a prendia, dá um salto para fora e ganha o chão.

No primeiro momento, um grande susto! Ofegante e atônita diante da coragem de seu próprio gesto, mal consegue respirar. Minuto seguinte, começa a sentir uma sensação de alívio, que vai num crescendo até sentir-se inebriada, embriagada por ela.

Enfim, a liberdade há tanto sonhada por ambos!

Ainda vacila um pouco, um friozinho a percorrê-la toda, todinha, o coração ainda batendo forte, o receio das conseqüências de sua atitude, tendo que daí para frente cuidar de si mesma sozinha e pagar o preço da liberdade.

Vários sentimentos se misturam, formando um todo meio confuso.

Pensa no pé que deixou, que acaba de sumir na curva da estrada e sente ainda uma pequena ponta de remorso. Pensa nas diversas vezes em que inadvertidamente o magoou, remorso também por ter sido ela a tomar a decisão final. Tristeza porque não mais poderá desfrutar daquela companhia que, apesar de um tanto aborrecida, ainda assim era uma companhia.

Como se sentirá o pé, nesse momento, diante da desejada e temida liberdade?

Assim pensando, ela começa a olhar para os lados, primeiramente com um certo medo, mas cada vez mais habituando-se à nova realidade e gostando de ser plenamente ela mesma.

Respira o ar fresco da manhã, ouve o canto dos pássaros no parque, começa a imaginar seres e objetos nas formas das nuvens...Daqui a pouco virá o por do sol.

Colhe uma rosa, a mais bonita de todas (vermelha, sua cor preferida) e oferece-a a si mesma, em tributo à recém conquistada liberdade.

Não demora muito e antes que a noite caia, começa a prestar atenção em outros pés que existem pelo caminho, de diversos formatos e tamanhos, cada qual com suas peculiaridades, alguns em grupo, outros só. Pode ser que ainda encontre um pé que combine desejos e não-desejos, sonhos e projetos de vida?

Então, sua caminhada torna-se mais leve, adquire um novo interesse pela vida, pelo mundo. Quem sabe um dia virá o verdadeiro encontro, o equilíbrio final?

Maria vai de tonta

A necessidade de afeto é um dado importante, inevitável inerente ao ser humano.

Até os animais gostam de cuidado, de carinho, de proteção; a necessidade de amor encontra-se relacionada entre as necessidades básicas do homem.

Há quem procure minimizar essa verdade, negando-a, reprimindo-a, negando-se a si mesmas como

peessoas, justamente no que têm de mais belo, mais verdadeiro.

Ha quem procure mascarar-la através de relacionamentos superficiais. São aqueles que fogem quando a relação ameaça (é justamente isso : para eles, é uma ameaça) tornar-se mais profunda.

Também há os que se defendem através de relacionamentos múltiplos que, no fundo, não satisfazem.

E ainda existe um certo tipo de pessoas que não toma consciência do quanto desejam carinho,- e afeto. Pode ser que não se trate de um tipo especial, mas que isso seja apenas a explicação de tudo,

Quantas pessoas se propõem a uma enorme variedade de parceiros ou parceiras, sem saber exatamente o que procuram, o que lhes interessa. E talvez justamente porque não sabem o que procuram, ligam-se a pessoas totalmente diferentes entre si, que nada têm a ver uma com a outra, o que evidencia a falta de consistência, a busca de um verdadeiro objetivo.

Aliás, não se “ligam” realmente, apenas se encontram; podem trocar carícias e confidências extremamente pessoais, mas falta profundidade, envolvimento.

A defesa é maior do que a necessidade do verdadeiro encontro, da busca efetiva do outro, enquanto ser diferenciado.

Por outro lado, também não encontram a si mesmas. se não sabem o que buscam, não sabem onde desejam chegar, não conseguem chegar a nenhum lugar.

E assim, negando a necessidade de dar e receber afeto, Maria ou Pedro, Lúcia ou Antonio vão com o primeiro que aparece, sem muita escolha, sem qualquer seleção.

No fundo de si mesmas, o que estavam precisando mesmo era só de um afago, um aconchego, um desabafo e um consolo, como qualquer criança que de repente sente-se sozinha e não tem com quem contar.

E não pense você que porque consta no título o nome “Maria” refiro-me apenas ao sexo feminino; não, porque de carência afetiva o mundo está cheio, e Mários, Joões e Antônios também caem no conto do “dá-me um carinho a qualquer preço – ou quase...”

Maria, vai, sua tonta!

Nesses tempos modernos, em que reina a liberação feminina – graças a Deus e a nós, mulheres, principalmente, nesses tempos de maior liberdade em todos os campos, muitas mulheres têm-se sentido pressionadas a cumprir uma liberação que ainda não chegou bem dentro delas, para a qual ainda não estão totalmente preparadas.

É aí que digo que continuamos todos, homens e mulheres, de uma certa forma, escravos. E aí você naturalmente se espanta; e espantado perguntará: Como assim? E indignado, ainda poderá tachar-me de retrógrada.

Mas vejam: antes éramos pressionados, principalmente nós, as mulheres, a cumprir metas traçadas culturalmente há décadas, talvez milênios, de uma rigidez moral que chegava às raias do absurdo. Quantas de minha geração não tiveram famílias extremamente conservadoras e puritanas, em cujos lares só era permitido “namorar em casa” e outras coisas do gênero. Sair sozinha com o namorado era um Deus nos acuda! Se até colocar a mão no ombro e andar de mãos dadas era proibido. Namorar, naquele tempo, só com “boas intenções”.

Não que eu seja contra as boas intenções – Deus me livre! – porém quantas acabaram se casando com o primeiro e único namorado de suas vidas, apenas por causa da excessiva pressão familiar? E quem se deu mal, fez uma má escolha, levada pela pressão, dane-se, ou melhor, danou-se sozinha, porque nenhuma ajuda externa e posterior alivia a carga.

Bem, mas chegaram os tempos modernos e aí era para darmos vivas, batermos palmas.

Aleluia! Porém não é bem o que acontece. Como já disse, há Marias que apenas vão de tontas, em busca apenas de um afago, um afeto, uma companhia.

Mas também há o outro lado da moeda, que é quando você recebe o convite, não aceita, julgando não estar preparada; acha que ainda é cedo, que precisam se conhecer um pouco mais e o cara desaparece. E você fica sem entender o motivo; às vezes se recrimina, achando que talvez se...

Eis o grande problema dos tempos modernos: a liberalização.

E você de novo vai me achar retrógrada, mas antes deixe que eu me explique: o que digo é que a liberação, pela qual em nossa adolescência ansiávamos como tábua de salvação, não somente não resolveu os antigos problemas, como criou outros.

Hoje, a grande angústia é saber até que ponto ceder ou não à liberalização; e, se há aquelas que “vão de tontas” e depois se culpam porque o outro sumiu, se desinteressou, também é bem real o outro lado da moeda: aquela que não vai e o cara some também, e ela, eu, ou todas nós ficamos sem saber o motivo. Por que será que ele sumiu? Pois ainda há muitos que dizem que, apesar da modernização, ainda continua valendo o preceito de que “é preciso bancar a difícil”.

Instaurada a confusão geral, como dar conta de tudo isso sem uma pitada de insatisfação, uma sensação de encontrar-se perdida em um labirinto, qualquer que seja a postura adotada? Qual o inquérito policial capaz de esclarecer o mistério, ou ao menos dar conta do paradeiro do desaparecido? Qual a teoria psicológica capaz de nos dar uma certeza sobre o melhor comportamento a ser adotado?

Nenhuma, infelizmente. Ninguém é capaz de decifrar certos mistérios do comportamento humano, ninguém é capaz de definir regras que sejam válidas sempre, para todos os casos e todas as situações, simplesmente porque cada ser humano é único, cada situação é irrepetível em seus contornos e nuances.

Então, fica-nos uma sensação de que “já que vai sumir mesmo, melhor que eu vá. Ao menos aproveitarei o bom momento”.

E se você acha que estou querendo lhe ditar qualquer regra de comportamento, afirmo-lhe que se engana, porque eu mesma, no próximo convite, não serei se irei ou não.

E a você, se for, espero que ao menos seja bom; agora, quanto a pedir que ele não desapareça, posso ajudar na busca de poções milagrosas, simpatias e outras coisas que eu mesma não sei se funcionam, mas dizem que fazem milagres. Quem diz, não me pergunte. Mas posso ajudar, por que não? Apenas um detalhe: funcionando ou não, que tudo fique em segredo, jamais me comprometa!

Maiores Abandonados

Um casal vivia de forma relativamente confortável, apesar das dificuldades gerais e da difícil criação dos filhos no mundo moderno; mas algo aconteceu que acabaram sozinhos e solitários, apesar da mútua companhia.

Procuravam outros meios de diversão, procuravam fazer visitas e ser visitados, que o convívio com os familiares parecia-lhes o mais favorável e genuíno meio de doar e receber afeição. Mas nada os consolava das perdas irreparáveis que haviam sofrido, derivada da concorrência desleal dos acampamentos, danceterias e afins.

Um dia, quando menos esperavam, coisas estranhas começaram a receber visitas estranhas. Tudo começou pela visita de um moço magro e barbudo que estacionou o carro e tocou a campainha:

- Oi, como vão todos?

O senhor e a senhora X entreolharam-se, com cara de quem não entendia nada. Levantaram-se com a intenção de dirigirem-se à porta e argüírem o cavalheiro, mas este já se instalara no aposento, sorrindo alegremente e abraçando o casal.

- Não me reconhecem mais?

- Como assim? – perguntou o casal, quase em uníssono.

- Ora, sou o Carlos Roberto, seu filho... Eu não tinha ido acampar?

- Também, puxa, isso foi há cinco anos!

- E depois, está muito diferente... – foi a vez do pai.

- É mesmo, cresceu um bocado, agora usa uma barba que esconde o rosto.

Tinham-se passado apenas três dias quando outro carro estacionou do outro lado da rua.

O senhor X foi atender, não sem antes lançar um olhar de esperança para o lado da esposa; esta, parecendo adivinhar-lhe o pensamento, respondeu:

- Não deve ser nenhum deles

- É mesmo, seria bom demais – foi a resposta do marido.

Ao abrir a porta, o recém-chegado fez a seguinte pergunta:

Os senhores não são o senhor e a senhora X? Será que errei o endereço?

- Somos nós mesmos.

- E você, quem é?

- Pois eu sou a Fabiana, filha de vocês. Só que vocês estão diferentes...

Como assim, diferentes?

Ora, na foto que tenho comigo - foi a última que tiramos juntos - vocês estão mais gordinhos e mais jovens.

Também, filha, essa foto foi há seis anos atrás.

E você saiu para a danceteria uma semana depois que tiramos a foto.

- Sabe de uma coisa? Quem esteve aqui foi seu irmão.

- E onde ele está?

- Ah, filha, sei não. Só demorou vinte minutos em casa...

Bem, a filha também não esquentou o sofá da sala por muito tempo, logo arranjou algo para fazer e à noite, pernas, pra que te quero?

Tempos depois, naquela mesma casa, a campainha tocou e os donos foram atender.

- Quem o senhor procura?

- Procuro pelo Senhor e Senhora X, moradores desta casa.

- Não conheço.

- E o senhor, quem é?
- Comprei esta casa há dois anos e aqui funcionava uma Academia de Ginástica...
- Academia, e meus pais, onde foram parar?
- Bem, sei que antes da Academia morava um casal, abandonados pelos filhos.
- Abandonados!
- É o que todos comentam.

A essa altura, o homem loiro, que segurava pela mão uma criança de três anos, interrompe a conversa, acrescentando:

- Também, meu amor, você saiu de casa há sete anos atrás.
- Pois é, saí para ir acampar...
- Bem, e eles não deixaram nada, nem uma carta?
- Ah, sim, ia me esquecendo – disse o novo dono da casa.
- Pode me entregar, por favor?

O homem foi lá dentro, pegou o bilhete e entregou.

A filha leu em voz alta:

“Meus queridos filhos, no primeiro momento, na ânsia de encontrá-los, no desespero de que algo tivesse acontecido, removemos céus e terra, mas foi inútil. Hoje, na certeza da inutilidade de nossos esforços em mantê-los em casa por algum tempo e antes que envelheçamos em definitivo, estamos buscando a nossa quota de diversão. PASSAR BEM! Inconformada, a “filha” pergunta se tinham deixado endereço.

- Não deixaram e tem mais uma coisa.
- O quê?
- O homem vai lá dentro e volta com mais um bilhete:
- Eu tinha esquecido o segundo bilhete. Aqui está.

E a filha com ar inconformado, lê o segundo bilhete:

“Voltamos ao local só para pedir que não nos procurem. Estamos vivendo de aluguel, pois com a venda da casa compramos um barco e apetrechos para nossa diversão. SEJAM FELIZES.

Três pérolas do cotidiano (Acredite se quiser)

Há pessoas que simplesmente não conseguem acompanhar a evolução do mundo; outras existem que nem ao menos acreditam no progresso. Parecem viver fora do mundo, tanto o primeiro tipo como o segundo.

Persistem no desconhecimento dos fatos da História, das Ciências, das Artes e da Política; preferem continuar na ignorância de fatos de há muito tornados corriqueiros para a grande maioria.

E veja que não estou falando de pessoas extremamente humildes e sem qualquer instrução, que a essas se lhes dá o direito ao desconhecimento.

Falo de um tipo esdrúxulo que, embora tenha condições de saber um pouco mais sobre as coisas do mundo, parece que se comprazem com a mediocridade. Soltam as maiores asneiras com toda a naturalidade, assim como quem está dizendo a verdade mais acertada, emitindo um conceito filosófico de grande valor.

Vejam alguns exemplos:

Pérola no.1:

- Você viu a última? Inventaram que o homem foi à lua...
- Como, inventaram? Você não viu pela TV?
- Vi, acompanhei tudo, tim-tim por tim-tim...
- E então?
- E daí? Não acredito. Claro que é armação deles.
- Deles, quem? Dos americanos?
- Da televisão.
- E se não acredita, por que assistiu?
- Gosto de ver essas invenções da televisão. Sou fanático pela TV. Eles fazem de tudo. inventam esses aparelhos, criam um lugar especial e ainda filmam de um jeito que parece verdade...
- Se bem que, recentemente, andei lendo a respeito de uma teoria que diz e tenta provar que os americanos não chegaram à lua coisíssima nenhuma...

Pérola no.2:

A moça tinha dezessete anos e pertencia a uma família de uma certa condição financeira. Embora cursasse o antigo ginásio, convivia com pessoas de uma certa cultura. Ela mesma frequêntava ambiente de universitários.

Morava em uma capital e tinha acesso aos meios de comunicação, por isso o despropósito da pergunta.

Era um dia 7 de Setembro, a TV local transmitia os desfiles escolar e militar, patrocinados pela Empresa Sandra S.A.

Já quase no final da apresentação, durante uma chamada comercial sobre a firma patrocinadora, a moça não agüentou mais e soltou a pergunta que desde o início lhe aguçava a curiosidade:

- Quem é essa tal de Sandra, de quem eles falam tanto?
- HEIN? O quê? – foi o sinal de espanto de um dos presentes.

E ela, sem ao menos desconfiar da bobagem que era a sua pergunta, arrematou:

- Para falarem tanto nela, só pode ser alguém importante...

Cai um pano vermelho de vergonha, diante de tamanha burrice...

Pérola no.3:

Era um programa de televisão ao vivo. Duas escolas participavam de uma competição acirrada, que envolvia conhecimentos gerais. As perguntas eram relativamente fáceis e os alunos participantes cursavam a atual 8ª. série.

No finalzinho, as duas escolas empatadas, faltando apenas uma pergunta a ser respondida para dar a vitória a um grupo, as duas torcidas na maior vibração.

O apresentador faz a pergunta:

- Cite o nome de uma pessoa, bastante conhecida, que tenha sido muito importante para a humanidade.

Vibração geral. Os de sua turma já comemoravam antecipadamente a vitória, enquanto os outros prevendo a própria derrota. O aluno em questão, todo sorridente. O apresentador repete a pergunta, ao que ele, responde, com ar convicto:

- Hitler.

Desta vez, o pano vermelho, dando por encerrada a cena, desfaz-se ali mesmo, corroído pelo verme da indignação, diante da plateia atônita.

Mais uma Pérola

Apesar do alto grau de desenvolvimento científico e tecnológico que caracterizam este fim de século, o plano das idéias, das atitudes ficou muito aquém, pois ainda existe tanto preconceito, tanto machismo ...

De 'um modo geral, a liberação ficou muito mais nas palavras do que nas atitudes O que sobra em palavreado pretensamente progressista falta em atitudes realmente modernas e liberadas, livres de preconceitos.

Tenho visto pessoas de nível superior, que se dizem inteligentes, cultas e informadas, verbalizando discursos tão ultrapassadas e ridículos, que seriam cômicos se não fossem um bocado dramáticos.

É a verdadeira miopia seletiva : a pessoa vê apenas aquilo que lhe convém.

Para certas pessoas, qualquer mudança de hábitos e de modo de pensar é muito difícil, muito dolorosa e elas sentem-se mais a vontade insistindo em idéias ridículas e absurdas, que elas'fazem de tudo para parecerem corretas e coerentes aos olhos dos outros e principalmente, aos seus próprios olhos.

Extremamente inseguras, vivem como se suas idéias e atitudes fossem a sua própria pessoa e não uma pequena parte de si mesmas e, dessa forma, tornam-se radicais apenas pelo fato de que qualquer pequena mudança significaria o caos, a desestruturação emocional.

A mediocridade, neste caso, não traduz falta de conhecimento de História, de Geografia, de Ciências, de cultura geral.

E apenas a revelação de uma personalidade difícil, avessa a mudanças que provavelmente precise de um século para chegar aonde outros levariam um mês.

Querem conhecer uma pérola desse tipo de mediocridade?

A conversa entre o casal girava em torno de assuntos gerais: últimas notícias, a contratação de uma nova empregada, o conserto do carro e outros, até recair sobre atitudes de homens e mulheres e, por fim, inteligência.

A certa altura.o marido,, machista não-declarado, metido a liberal, saiu-se com esta pérola:
- Se o homem não é mais inteligente do que a mulher, então por que é que todas as invenções foram feitas por homens?

Espanto completo da mulher, que não esperava por uma dessas. Já sabia que o marido era machista, mas não pensava que fosse tão obtuso.

E então ele fez a "apelação" final:

- Até os aparelhos eletrodomésticos, feitos para facilitar a vida das mulheres, são criados por homens?

Psiu! Não diga nada! Por favor, sobre certos discursos, é melhor que caia o pano.

Apenas acrescento: se disserem que minto, eu lhes respondo que, segundo um amigo, a vida dá show na ficção...

Amores de gato

Você já reparou no jeito morno, lânguido e sensual do gato?

Sempre me encantei com o jeito de fazer amor, com as preliminares, de muitos animais, mas o gato tem algo de especial, até mesmo fora do ato sexual.

Nos gatos, a sensualidade parece estar sempre à flor dos pêlos - no jeito como se enroscam no sofá, nos olhares sedutores, no pêlo arrepiado e arrepiante...

Em relação à atividade sexual, os gatos são ao máximo. Os miados, o lambe-lambe e todo o resto deixam muita gente para trás em termos de sensualidade.

E olhem que há muita gente por aí dando tudo de si mesmas, nas dietas, nas academias de ginástica, nos spas, para ganharem o desconhecido, mas tão almejado troféu da sensualidade.

Enquanto isso, o nosso simples e comum animal, o mais sério candidato, continua em sua simplicidade, dando banhos de charme, sem nem ao menos saber que o faz.

Quem sabe é exatamente por isso que a mais recente novidade do vocabulário amoroso é o uso das palavras "gato" e "gata".

Talvez isso seja uma relação inconsciente e um reflexo de um apelo sexual mais forte, de um jeito mais liberado, mais solto e, portanto, mais sensual de fazer amor, que parece ser ou, pelo menos, pretende ser a tônica do relacionamento amoroso atualmente.

Lembro-me de um gato que tínhamos em casa quando eu era bem jovem e do jeito como ele me olhava e pulava em minhas, meias (douradas, prateadas, coloridas, em combinação com o vesti do, como era moda na época).

Lembro-me também - e com um certo remorso do que lhe fiz na última vez em que estragou minhas meias, e meu remorso talvez provenha do fato de que aquilo que eu antes achava uma agressão hoje possa ser entendido como uma possível prova de amor por mim. Mas o fato é que o jeito do gato às vezes, me provoca um desejo mais forte de fazer amor, e claro que com um "gato" humano. É aí que me pergunto será que aqueles que comem carne de gato estariam desejando, mesmo sem o saber, tornarem -se mais fogo sos, mais sensuais?

A única forma de saber a resposta, seria tirar a prova dos nove ou a prova real, mas, neste exato momento, não tenho o gato-homem, e muito menos, o "gato" apreciador de carne de gato.

E, de qualquer forma, se o gato-homem (ou a gata mulher) aparecer e você, nessa onda de carência que assola o mundo dos sexos, conseguir se lembrar da pesquisa...

Evolução do Vocabulário

Sempre vi com muita curiosidade a evolução da língua, especialmente no que se refere ao uso das gírias.

Enquanto o vocabulário comum demora um bom tempo para sofrer modificações dignas de nota, as gírias se sucedem com uma rapidez espantosa.

É a simples e fácil substituição de uma palavra por outra, como se as palavras fossem objetos descartáveis. Talvez seja isso o reflexo da era que vivemos, cheia de mudanças vertiginosas.

Lembro-me que, há alguns anos, um homem bonito era chamado de pão (não tenho certeza, mas quem sabe a mulher bonita fosse uma broa?)

Havia, inclusive, a seguinte frase:

- Lúcia é muita manteiga para o meu pão (explique-se: era uma coisa boa demais, talvez inatingível).

Além disso, o “coroa” era galhofeiramente chamado de “pão dormido”, expressão que também servia para indicar homem feio.

Havia também a palavra “broto”, para indicar rapaz ou moça bonita. E essa palavra não está em completo desuso, embora tenham surgido “gato”, “gata” e “avião”.

Fico pensando quais serão as próximas gírias das relações amorosas.

Minha reflexão a respeito do emprego da palavra “gato” leva-me a crer que estamos na era zoológica e, assim, prevejo diálogos como esses:

- Márcia, você já telefonou para o seu poodle?

Ou ainda:

- Pai, pode me emprestar o carro hoje? Quero levar minha égua Adriana ao cinema...

- Não posso. Vou sair com minha vaquinha Patrícia.

Devo esclarecer que isso será apenas um tratamento carinhoso, uma prova de afeto; por isso, perdoem-me o vocabulário.

Mas um final de relacionamento será relatado assim:

- Oi, você está sozinho?

- Sim, e por que não?

- E onde anda sua Mimosa?

- Terminei tudo.

- Não me diga...

- Tinha que preservar minha vida.

- Nossa! Estou surpreso!

- Pois é, ela demonstrou ser um verdadeiro pitbull

O amor na era tecnológica

Em termos de relações amorosas, temos passado por diversas fases: já houve a era da oralidade, em que se utilizavam palavras como “pão”; a era zoológica, cujos resquícios ainda perduram, com a utilização de termos como “gato” e “gata”.

Mas creio que já entramos definitivamente na era tecnológica.

As coisas têm evoluído com uma rapidez de raio e o vocabulário, evidentemente, precisa acompanhar esse ritmo frenético, alucinante.

Precisam surgir novos termos para denominar novas tecnologias e, dessa forma, imagino que logo, logo o dicionário amoroso passe a registrar termos inusitados.

Querem exemplos?

Eis uma conversa entre um fanático pela tecnologia “e outro, nem tanto.

- Você conhece a Regina?

- A Regina? Andou dando em cima de mim, mas é uma TV preto e branco.

O outro, que não tem muita imaginação, pergunta:

- Como assim, TV preto e branco?

- Ora, ultrapassada e desestimulante. Além de meio velha p’ra mim, usa umas roupas fora de moda.

Os mesmos sujeitos, numa outra situação:

- Você já viu a Luciana, que acabou de mudar para o prédio?

- Não vi ainda. Como ela é?

- Rapaz, uma TV a cores! Caramba!

- E você, conhece as irmãs Andréia e Alessandra?

- Já ouvi falar...

- Pois é. A Andréia é um videogame...

- Como?

- Ah, ela é bastante excitante, mas a Alessandra é linda, um vídeo-cassete!

- É, mas há pouco tempo você estava louco era pela Alessandra.

- Mas isso é assim mesmo...

- Não entendi.

- Ora, cada máquina é melhor que a outra. P’ra quê se segurar na antiga?

- Mas e a Alessandra, onde foi parar?

- Dançou, logo que conheci a Fernanda.

- E como é a Fernanda?

- Uma supermáquina! Um verdadeiro Pentium!

Pouco tempo depois, os dois se encontraram de novo.

- Cara, você por aqui?

- Pois é, a gente sempre acaba se encontrando...

- Como vai de paqueras?

- Ah, eu agora estou sozinho. E você?

- Eu também, mas tô louco pela Tati?

- Quem é a Tati?

- Amiga da minha prima. É um forno de microondas!

- Microondas? O que isso tem a ver?

- Ih, cara, vem vindo meu pai. Tenho que ir. Outra hora explico.

Ele se foi e deixou o outro queimando a pestana.

E você, já sabe por que a Tati é um forno de microondas? Se ainda não sabe, ponha a cabeça para pensar.

Mas não pense demais, senão sua cabeça esquentará depressa e cozinhará os miolos, como se estivesse em um forno de microondas. Melhor esquentar a cabeça com a própria Tati, mas de pertinho.

Quem sabe eu a apresente a você?

Procura-se ...

Lúcia e Regina eram amigas havia muito tempo. Fizeram juntas o “Ginásio” e parte do Colegial, que Regina abandonou para se casar com Paulo.

Trocavam confidências desde o tempo dos primeiros namoradinhos no portão da escola e na praia. Lúcia foi a grande confidente de Regina quando esta se apaixonou por Paulo; sofreu com ela quando Paulo foi para Belo Horizonte, onde ficou noivo e quase se casou: Regina também foi a confidente de Lúcia quando apareceu na cidade Carlos, o bonitão que viera a serviço de uma firma. Enfim, a amizade e a confiança mútua eram muito grandes; mais que amigas, pareciam irmão,

Tempos depois, ambas já casadas e com filhos, Lúcia começa a ficar inquieta com certas atitudes de Carlos.

A desconfiança vira quase-certeza quando Carlos começa a prolongar o papo e a cervejinha com os amigos, que eram a sua forma de explicar sua demora.

Depois de ouvir por várias vezes essas queixas, Regina aconselha-a a ter uma conversa franca com o marido; mas a conversa de nada adianta: Carlos não revela nada, sai pela tangente, continua dando desculpas.

Regina entra novamente em cena.

-Lúcia, acho que tenho uma idéia. O único jeito de acabar com a dúvida é seguir Carlos.

- Mas, Regina, seguir? Não sei, não acho isso feio...

- Você não quer descobrir? A menos que você contratasse um detetive, mas nem isso temos aqui...

- Sei lá... Eu quero descobrir, gim. Mas será que os fins justificam os meios?

- Nem sempre... Mas, que jeito?

E assim, começaram a sair pela cidade, rondando, espionando, tentando ver o carro de Carlos em algum lugar.

Dias depois, as duas, com os filhos no carro, vão a um local meio afastado do centro, onde existe uma dessas casas consideradas “suspeitas”.

Pensam que vão encontrar o carro de Carlos por ali, mas para total surpresa, é o carro de Paulo que está no local.

Extrema humilhação: elas ainda mandam perguntar por Paulo, mas este é habilmente ajudado por amigos a sair da encrenca.

Nem Carlos, nem Paulo. Não descobriram nada e ainda foram alvo de comentários.

Para concluir, apenas um aviso aos incautos: como se lê em novelas e filmes, qualquer semelhança é mera coincidência. Se alguém já chegou a extremos à procura do (a) cônjuge infiel, (“foi um lapso” – eu quis dizer fiel, até que se prove o contrário), e penso em me processar por uso indevido da imagem, eu advirto: faremos ambos uma triste figura.

Características do Bom Brasileiro

O bom brasileiro, de nascimento ou por opção, deve ter sete características indispensáveis, sem as quais torna-se impossível viver neste país.

Para ser brasileiro é preciso, antes de mais nada, ser um excelente jogador de futebol para driblar o leão do imposto de renda, que vive mordendo as nossas coxas na altura do bolso. Saibam que esse bicho nunca dorme, nem ao menos cochila, por isso é preciso estar sempre alerta.

Para ser brasileiro é preciso também ser patriota o suficiente para comparecer às urnas no dia das eleições, porque, com os candidatos que se apresentam, a vontade que temos é ir passear em um praia qualquer e esquecer os deveres da cidadania.

Para ser brasileiro é ainda necessário ser um bom humorista, para enfrentar com um sorriso nos lábios as reviravoltas da economia e da política e as constantes mudanças de camisa de certos políticos.

Para quem não tem muito senso de humor, é necessário especializar-se nas artes do ocultismo: astrologia, numerologia, quiromancia, cartomancia, jogo de búzios, e bola de cristal; enfim, é preciso ser um vidente completo e polivalente para prever essas mesmas reviravoltas e mudanças.

Reparem que o brasileiro de fato, de RG e de coração, é, sobretudo um nacionalista.

Só toma pinga, caipirinha e uísque nacional. Não gosta de bebidas caras, não viaja ao exterior. Prefere apreciar sempre e somente as belezas locais. Nada melhor que o turismo interno para incentivar a economia (ou para despistar a falta de dinheiro para vôos mais altos). Aliás, por falar em vôos, nem pensar em viagens de avião; o melhor é viajar de ônibus comercial ou em trem de subúrbio.

O bom brasileiro é alegre por excelência. Se não nascer com gênio alegre, é obrigado a esquecer os problemas na euforia dos campeonatos de futebol e na explosão concentrada das noites carnavalescas.

Isso sem contar que o brasileiro de verdade não gosta muito de acompanhar programas culturais, especialmente os mais caros, como o teatro e shows de certos cantores.

Para que ver artistas atuando se cada brasileiro já é um artista nato? E se não o for por livre vontade, sê-lo-á por livre e espontânea obrigação, porque ninguém conseguiria viver aqui se não fosse um artista de profundíssima vocação.

Finalmente, ia esquecendo de dizer que o brasileiro se define por ser essencialmente modesto. Essa seria então a oitava característica, mas tenho um palpite de que ela deve ser apenas causa - ou consequência? – das anteriores.

Vamos, então, ficar com o número de sete, mesmo porque a diferença entre causa e consequência pode ser, em alguns casos, apenas uma questão de ótica.

E, como dizem ser o sete um número cabalístico, quem se atreve a adivinhar os próximos números da Sena?

A Arte de ser Brasileiro

Tenho dito que o brasileiro é um artista nato até porque, se não o fosse, ficaria impossível viver aqui. E vou lhes provar o que digo.

O brasileiro é artista, por vocação ou por força das circunstâncias; artista multifacetado, praticamente completo. Duvidam?

Em primeiro lugar, o brasileiro é um perfeito dublê, porque vive na imitação de certo país da América. Se não, porque é que temos tantos bares, lanchonetes e lojas com nomes em inglês? E de que lugar vem a maior parte dos filmes a que assistimos?

E as camisetas com dizeres em inglês, que os jovens adoram vestir, embora desconheçam completamente o significado?

Sei inclusive de um caso de americanos que aqui estiveram e, desejando souvenirs, só encontraram camisetas com dizeres em inglês. Que vexame!

A integração cultural neste país é levada muiiiito a sério!

Em segundo lugar, o brasileiro é um escritor fanático. Como o brasileiro gosta de escrever! gosta principalmente de escrever cifras numéricas, porque, na hora de pagar as contas, escreve e reescreve os débitos, que são sempre maiores que os créditos, e o dinheiro nunca é suficiente.

Como cantor, o brasileiro, revela toda a sua arte. Faz a sua parte “com engenho e arte”.

Dizem que “quem canta seus males espanta”, mas em uma competição internacional, o brasileiro confundiu-se e interpretou assim: Quem canta seus males, espanta. Acabou-se a competição, o mundo inteiro saiu correndo.

Outra faceta artística de brasileiro é a de ator. Essa talvez seja aquela em que ele melhor se revela, porque para ser ator muitas vezes é preciso saber cantar, dançar, etc. O fato é que o brasileiro sabe disso e não se aperta. Como excelente ator que é – ou precisa ser – ele vive muito bem, pois consegue fazer de conta que a vida de todos em geral e a sua, em particular, vão muito bem, obrigado!

Na Era dos Transplantes

Efetivamente estamos na era dos transplantes. É transplante daqui, é transplante dali, disso, daquilo, há um certo número de órgãos que podem ser transplantados, embora o número de doadores seja sempre insuficiente.

Pois bem. Era um ano qualquer no futuro.

Tendo escasseado drasticamente o número de doadores, havia um número pequeno de órgãos disponíveis no Banco de Órgãos e por isso o governo brasileiro, diante de mais esta escassez brasileira, determinou que fosse feito o transplante de apenas um órgão por estado. Cada estado deveria escolher o órgão que gostaria de ter transplantado e foi marcada uma reunião geral.

O primeiro estado a se manifestar foi São Paulo:

- Olha, como o estado que mais produz bens e capital, devo ter a primazia na escolha. Quero ser o primeiro a escolher.

- Acontece que esta primazia deve ser minha, já que sou o berço da capital brasileira.

Essa discussão entre São Paulo e Bahia levaria um tempão para ser resolvida, entre ataques e achques de seus representantes políticos, cada um querendo levar a melhor fatia do bolo. Ainda bem que, verificadas as preferências, as pretensões eram bem diferentes e a escolha começou.

O único fato incompreensível é que São Paulo e Goiás, por razões ocultas, acabaram com direito ao transplante de dois órgãos. E São Paulo assim escolheu e justificou:

- Bem, desejo um pulmão de aço e um ouvido de ferro, para agüentar a poluição do ar, da terra e sonora.

- Ainda bem, desejo outra coisa. Quero pernas bem compridas e resistentes para percorrer as longas distâncias de um setor a outro de Brasília- disse Goiás. E uma boca enorme, para poder tramar e confabular com os políticos. Sabem como é, quem não se comunica...

- Eu preciso é de um fígado porreta, que é para suportar mais tempero, mais pimenta. Meu fígado já não absorve tanto azeite de dendê!

- Eu precisava de um ouvido muito especial, para ouvir a pororoca.

- Mas São Paulo já fez essa escolha!

- Então, peço o transplante de córnea, para poder continuar enxergando as árvores devastadas na minha Floresta Amazônica.

- Queria pernas bem firmes e bem torneadas para exhibir em Copacabana e me esbaldar no Carnaval. Comigo é fio dental e samba no pé!

- Fora, fora! Pernas não tem mais, Goiás já levou!

- Faça outra opção!!!

- Assim sendo, fico com o transplante de rins, p'ra agüentar mais cerveja gelada, que o verão é fogo! 40°. graus à sombra.

Chegou a vez dos estados mais pobres e, para eles, coitados, não tinha sobrado mesmo nenhuma opção razoável. Continuaram com a simples transfusão de sangue, que estado pobre não tem vez nem no Congresso, nem aqui, nem na China.

Ainda foram convencidos de que essa era mesmo a melhor opção para eles, que poderiam assim ter novo impulso e evitariam a morte por fome ou tédio.

Esqueci-me apenas de relatar sobre a escolha de um outro estado, importante na conjuntura política brasileira.

- Não quero nenhum órgão para ser transplantado. Proponho a troca do transplante.

- O quê?

- Isso mesmo, e por quê não?
- Está querendo corromper o processo de escolha?
- Acho a troca muito justa. E vejam que tenho muito a oferecer...
- E o que oferece você?
- Um pouco de minério de ferro, pedras preciosas e vacas leiteiras.
- E o que você quer receber?
- Pouco, pelo muito que ofereço. Apenas uma faixa de mar...

Como ninguém concordou, Minas ficou sem o mar e retirou-se da pendenga; mas como é muito teimoso, jamais desistiu da idéia inicial. Por isso, sua atração irresistível pelo mar, tanto que, em suas constantes visitas a cidades litorâneas, até hoje contempla a praia com um suspiro apaixonado e, numa desesperada tentativa de conquista definitiva, carrega consigo, na calada da noite, uma caneca do líquido salgado. Foi daí que surgiu a expressão segundo a qual Minas trabalha em silêncio.

O peixe morre pela boca

Marli adorava o marido, que lhe sabia a companheiro ideal. Aliás, nem conseguia entender direito como tinha conseguido fisgá-lo, pois ele tivera muitas pretendentes.

Paulo também a adorava, pois a Mar, como ele a chamava, possuía todos os encantos que Sempre o seduziram: bonita, atraente, simpática, inteligente, uma dona de casa perfeita, excelente anfitriã.

Ela vivia preocupadíssima com novas receitas, quitutes sofisticados que o marido elogiava e ainda convidava os amigos para saborearem juntos. Inventava novas versões para receitas antigas, fazia deliciosos doces, manjares e outros.

Uma noite, Paulo, o Marido, trouxe quatro amigos para o jantar. Eram um casal e duas moças, uma das quais estava trabalhando na mesma empresa havia quatro meses.

Os quatro foram muito bem recebidos; a comida estava excelente e, findo o jantar, o papo rolava animado, quando Paulo pediu licença e foi ao quarto.

Demorou um bocado e na volta foi dizendo:

- Olha, Marli, a comida estava realmente ótima . Você continua a dona de casa perfeita, a mulher que todo homem deseja.

- Obrigada, querido, você é um amor...

- Não é mesmo, Pedro, que eu vivo elogiando a Marli?

- É verdade, sempre foi assim.

- Bem, Marli, agora preciso dizer uma coisa: fui muito feliz com você e não esquecerei facilmente os nossos momentos juntos...

- O que você quer dizer...?

- Que não existe mulher como você, mas estou indo embora com a Suzi. É uma decisão definitiva. Vamos, Suzi?

Só então ela percebeu que, enquanto satisfazia a oralidade de ambos, havia-se esquecido do restante da vida.

Passara a comer muito, tinha começado a engordar devagarinho, sem perceber, um quilinho a mais hoje, outro amanhã.

Também não havia notado que sexualmente havia esfriado um pouco, tinha perdido um bocado do interesse inicial e que, nos últimos meses, por sugestão dela mesma, só vinham fazendo amor com dia marcado.

E assim, quando menos esperava, seu adorado Paulo tinha ido embora com outra, menos bonita e nem tanto inteligente e que nem ao menos sabia cozinhar o trivial.

E foi com muita angústia que se deu conta do ridículo que existe por trás da afirmação de que “o amor passa pelo estômago”.

E, tendo-se tornado consciente de que nem todo peixe morre pela boca, jogou todas as receitas no lixo, passando a comer fora – diga-se, a bem da verdade, dietéticos.

E vive a fazer ginástica e a cuidar da aparência, na esperança de fisgar novo peixinho.

Vá procurar entender as mulheres...

Nova Mãe para o Freud

Será que de fato existem a vidência, a premonição?

Conheci alguém que, quando perguntado sobre se acreditava em horóscopo, numerologia, astrologia, pais-de-santo e outros do gênero, invariavelmente respondia: “Yo no creo em las brujas, pero que las hay, las hay...”

A mãe do Freud, por exemplo. Acreditava piamente em premonição, tinha sonhos noturnos que já anunciavam – ou denunciavam- o que estava por vir.

Já imaginaram a confusão na cabeça dessa mãe?

Sim, ela ficou muiiiito confusa.

Desejando fazer o melhor pelo filho, dar-lhe a melhor educação e, ao mesmo tempo, prevendo, mas sem entender nada dos mecanismos inconscientes que ele mesmo só viria a descrever tempos depois, ela tomou ao pé da letra a teoria psicanalítica e os posteriores desenvolvimentos da Psicologia.

Ficou muito preocupada e foi desabafar com a amiga:

- Não sei mais o que fazer!
 - Com relação a quê?
 - Ao meu menino...
 - Por quê? Você faz tudo por ele...
 - Tive que tirar as fraldas, treiná-lo no controle dos esfíncteres.
 - E você queria que ele continuasse a vida toda de fraldas?!
 - Não queria, mas coitado! E ainda teve aquela vez que dei nele uma palmada.
 - Toda criança precisa de um corretivo, às vezes.
 - É, mas eu morro de pena. E ainda tem uma pior...
 - O quê, agora?
 - Eu sei, mas sinto muito remorso por tê-lo expulsado do ventre.
 - Você não ia querer ficar com ele na barriga. Nem isso é possível.
 - Mas, coitado, deve sentir-se muiiiito rejeitado.
 - Que você quer dizer com “rejeitado”?
 - Umas coisas meio estranhas que vejo nos sonhos.
 - Você sempre com seus sonhos.
 - Olha, não entendo bem o que acontece comigo desde que fiquei esperando o Freud.
 - Me conta melhor como é isso...
 - Vejo e ouço umas coisas estranhas sobre uma tal de Psicologia, educação dos filhos.
 - Educação dos filhos não tem nada de novo...
 - É, mas surgiram muitas palavras complicadas.
 - Você já falou numa tal de re...re... como é mesmo?
 - Rejeição.
 - E o que é isso?
 - Sei lá, parece que os filhos ficam mal se não são muito bem tratados pelos pais.
- As duas despediram-se, que eram chegados os sacrossantos deveres do lar.
- Semana seguinte, no mesmo horário, as duas se encontraram para o costumeiro bate-papo.
- E foi a vizinha quem começou:
 - Xi, sabe aquelas coisas que você me contou na semana passada?

- Que coisas?
- Sobre seu filho, a tal da rejeição...
- Agora você aprendeu a palavra.
- Pois é, mas agora fui eu que tive uns sonhos esquisitos.
- O quê, agora é você?
- Bem, eu nunca quis contar mais eu também tenho sonhos, às vezes, que parecem reais.
- Não sabia. E o quê você sonhou?
- Seu filho. Aquele negócio da rejeição...
- Me conta direitinho, amiga.
- Foi meio estranho, até meio chato de contar.
- Você não vai me deixar curiosa...
- É que, sabe. Você tinha medo da tal rejeição...
- Como assim?
- Por causa dessa tal rejeição, você deixava ele muito solto.
- Muito solto?
- É, ele fazia o que queria. Ele é quem mandava em você e seu marido.
- E daí, o fim do sonho?
- Muito trágico, minha amiga. Nem tenho coragem.
- Conta, conta.
- Bem, você pediu. No fim do sonho, ele colocava você de castigo, lhe dava umas palmadas no traseiro e a deixava trancada no banheiro para ir namorar.
- E eu ficava lá, sozinha?
- Ficava, e o pior: ele só voltava na semana seguinte.
- Pois então, ele que arranje uma nova mãe, porque eu estou tirando meu time de campo.

O pai do Freud

O pai do Freud, antes de ficar sozinho com o filho para criar (lembra-se, a mãe abandonou o lar, não sem antes contar ao marido, tim-por-tim os sonhos premonitórios a respeito da educação dos filhos, do sentimento de culpa, da rejeição, do complexo de Édipo).

Bem, mas foi justamente por causa da tal rejeição que o marido, aflito, foi procurar a mulher, meses depois e a convenceu a voltar para casa.

Ela não tinha mais dúvidas de que se deve educar o filho, mesmo esquecendo às vezes a cruel palavra.

Mas, quanto ao pai de Freud, era o ser mais angustiado da face da terra.

Não entendendo o que existe de inconsciente por trás do tal complexo de Édipo, já que, nessa época, nem o próprio Freud ao menos sonhava com isso, o pai passava noites e noites sem dormir. Inclusive ficou com o sono leve, de tanto vigiar o momento em que o filho caísse na tentação.

O pobre homem não tinha sossego. Passou a voltar mais cedo do trabalho, sempre na espreita, na expectativa.

Foi por isso que, griladíssimo e com medo de perder a esposa para o rival em potencial — mais jovem, pensou em afasta-lo definitivamente de casa, mandando-o para o Brasil.

Questionado sobre o motivo da escolha, o pai respondeu vagamente que “era um país jovem, formado por culturas divergentes, o que seria muito boa experiência de vida para o filho.”“.

Mas era ele quem tinha passado a ter estranhos sonhos. E a cada noite sonhava com Freud no nosso país. E porque tinha uma visão errônea do Brasil, em seus sonhos via o filho sendo devorado pelos canibais. Só não ficava com sentimento de culpa devido a esses sonhos, porque a mulher esquecera de contar-lhe sobre a futura interpretação do filho de o sonho é a realização do desejo.

E assim vida continuou.

O pai foi demovido da idéia de mandar o filho para o Brasil e, quando este chegou à adolescência, a própria mãe tentou entregá-lo para uma família adotiva, pressionada pelas graves responsabilidades e eternas dúvidas quanto à criação do filho.

Alguém acha essa história inverossímil?

Pois então, digam-me se não é verdade que, nós, pais e mães comuns de crianças e adolescentes comuns, quantas vezes não nos sentimos aflitos, sem saber como agir com nossos filhos, na eterna dúvida entre dar-lhe ou não a merecida palmada, aceitar ou não o namorado ou namorada que não aprovamos, permitir ou não que acampem no fim-de-semana com os amigos e o namorado ou namorada?

E quando se trata das chaves do carro, então?

Ninguém nunca teve esse problema? Se nunca teve, que atire a primeira pedra, porque eles começam a pedir ou a pegar as chaves do carro bem antes de estarem devidamente habilitados e dirigirem com segurança.

E foi exatamente por prever, através de seus sonhos, esse tipo de comportamento, que o pai de Freud dizia:

- Graças a Deus que, pelo menos, ainda não existe o tal do carro!

Dó pó vieste e do pó sairás

Agora, sim, é que comprei briga feia. E o pior: comprei briga feia dos dois lados, não me sobrando bandeira que me defenda.

Sim, porque com o título aí em cima, muitos pensarão que passei a pregar o evangelho no que prometia ser uma série de crônicas e simplesmente fecharão a obra, renegando o momento mesmo em que resolveram ler-me.

O outro lado, afeito ao evangelho, também vai me atirar pedras, pensando que tento subverter o que está na Bíblia.

Longe de mim qualquer das duas intenções.

Acontece apenas que ao lembrar-me de um pequeno episódio acontecido há alguns anos, sou até hoje levada a crer que de fato, pelo menos em alguns casos, as coisas se subvertem. Fica o dito pelo não dito, ou o dito pelo contrário do que foi dito.

Vejam esta:

O adolescente começou a fazer um “bico” em uma serralheria próxima a sua casa, mais até para não ficar zanzando pela rua depois da escola do que para ajudar nas despesas do lar. Também começaria a aprender responsabilidade, a tomar gosto por ter o seu próprio dinheirinho.

No primeiro dia, segundo consta, recolheu bastante pó de serra, fazendo uma bela limpeza no ambiente, que estava péssimo. Voltou para casa animado, como se tivesse feito a mais bela obra de arte. Já na aquela época demonstrava amor ao trabalho, não se importando mesmo em suar e sujar a camisa para ganhar o seu. Esforçado o garoto!

Voltou para casa com um certo brilho no olhar, de quem dizia: “cumprida com honradez minha primeira missão”.

Segundo dia, a mesma coisa: mais pó e, na volta, o mesmo olhar e sorriso de realização.

Após o terceiro dia, os olhos tinham adquirido um brilho intenso; no rosto, um sorriso entreabria-se como uma flor em botão.

Não pôde esperar para contar a grande novidade, tinha sido promovido.

- Como? Promovido? – foi a pergunta imediata.

Contou que deixara de recolher pó e passara a tarde a recolher madeira. (explique-se que, a essa altura, o pó havia acabado, pelo menos até segunda ordem).

E com os olhos mais brilhantes do mundo, acrescentou:

- Fui promovido de pó p’ra madeira!

Recursos Humanos no Céu

Mal tendo acabado de formar as nações do mundo, Deus chamou ao céu o primeiro representante de cada país, para sondar-lhes as aptidões e poder assim, encaixa-los melhor nas funções pertinentes. Aos mais aptos, evidentemente, funções de liderança; aos outros, funções de menor destaque no cenário mundial.

Orientador Vocacional nato, especializado por si mesmo em Recursos Humanos, o Senhor havia disposto no céu objetos e materiais diversos, para que cada um procurasse aquilo que mais lhe interessava e fizesse dos materiais algo de proveitoso para o Mundo.

Não, haveria testes psicológicos e entrevistas de seleção; não, que nesse tempo os psicólogos ainda não haviam inventado essas modernidades; além do mais, o nosso bom Deus havia optado por adotar métodos essencialmente práticos.

Pois bem!

O inglês foi o primeiro a chegar e, acostumado ao “fog” londrino, ficou entusiasmado com o deslumbrante panorama que se descortinava do céu. Preocupado em melhorar a visão do seu povo, pegou alguns materiais, fabricou lentes de contato, óculos miraculosos e outros artifícios visuais, especializando-se em Oftalmologia.

O americano, ao chegar, apanhou alguns materiais e foi logo fabricando uma máquina fotográfica e um binóculo, passando a esquadrinhar o espaço e a bater fotos constantes. Nesse pouquíssimo espaço de tempo, tornou-se o melhor repórter fotográfico do planeta.

O árabe preocupou-se excessivamente com os meios de locomoção e, conseqüentemente, com o melhor combustível. Tendo resolvido por conta própria voltar à sua terra para buscar o combustível nos poços de petróleo, não lhe foi permitido voltar ao céu, por desrespeito ao quesito criatividade. Ficou pela Terra, apoderou-se da maior quantidade possível de petróleo, por isso o alto preço dos combustíveis que até hoje vigora.

O japonês, quieto, calado, depressa fabricou equipamentos eletrônicos e, com tenacidade, esmerou-se em aperfeiçoá-los e sofisticá-los, comercializando-os para todos os outros.

O alemão primeiramente apanhou cimento e tijolos e começou a fazer um grande muro, mas ante as primeiras acusações de segregacionismo e a primeira previsão de que esse muro acabaria por vir abaixo um dia, mudou rapidamente de idéia e tratou de enveredar pelo caminho do progresso da ciência.

O russo chegou sem ser visto e munuiu-se de máquinas fotográficas, aparelhos de comunicação quase invisíveis, passando as investigar coisas absurdas, principalmente a vida e a mente dos inimigos do poder.

Eis que chegou a vez do brasileiro. Chegou atrasado, até porque só foi descoberto – ou inventado mais tarde, lá pelos idos de 1500.

Não encontrou muitos materiais disponíveis, que os “grandes” já haviam pegado quase tudo. Mas a um canto, ainda restava um baú com coisas estranhas, que não tinham chamado a atenção de nenhum dos outros. Com esses aparentemente imprestáveis objetos, o brasileiro dirigiu-se a um local sossegado e, dono de uma criatividade incomparável, foi fabricar os seus apetrechos profissionais.

Hora da apresentação. Todos os países aplaudidíssimos por seu brilhantismo e imediatamente aprovados na seleção. Quanto ao Brasil, desclassificado. Protesto geral, sob a alegação de que com os confetes, as serpentinas, pandeiros e cuícas, o carnaval e o samba, o brasileiro tinha sido o único a dar o toque de alegria que faltava ao ambiente.

Diante dos protestos gerais e da defesa incontestável, a desclassificação foi reconsiderada.

E assim, enquanto os outros trabalham em atividades menos alegres e mais árduas, o brasileiro vence e convence, com otimismo e alegria.

E tome samba, que de short e camiseta lá vai o brasileiro mostrando ao mundo a sua irreverência, disposta a ir devagarinho desbancando os outros países e a assumir a liderança. Já tentaram faze-lo mudar de vida, mas a mundo precisa de sua festa.

E haja alegria, e haja fôlego!

Comemoremos, pois, a grande idéia divina de dispensar entrevistas e testes e de apelar para o espírito prático, com o qual o bom Deus sem querer nos brindou com o carnaval e o samba, símbolos do gênio alegre e do bom humor, tão necessários nos dias de hoje.

O Brasil, na fábula de Esopo, seria a cigarra com final feliz

A hora e a vez do cupim

Salve os cupins! Salve os cupins!

Ora, dirá você: “Ouvi asneira!” Mas eu lhe direi que: Não! É choradeira!

Choro de brasileira, que vê com tristeza que quase não se vê cupins. E eu que pensava abrir, com urgência, uma cupinaria! Ora, dirá de novo você! Ela enlouqueceu de vez!

Entrementes, eu lhe direi que o cupim não mente, diferentemente de alguns caras-de-pau que andam à solta nas mais altas cumeeiras, galhardamente posando de santos.

E eu que, quase toda noite, tenho um sonho!

Sonho com um antigo desenho animado do Tom & Jerry, em que os cupins, qual soldados nazistas, invadem uma casa, pondo seus donos (os da casa, claro, porque dos cupins queria eu ser a dona e senhora) em total desespero, os quais acabam saindo pelo ladrão [desculpem, pela porta]. Mas os cupins, não satisfeitos de colocá-los a correr e destruírem a casa, vão atrás dos coitados e comem o carro. Os dois, para quem não se lembra, acabam pedalando o volante do carro, totalmente desprotegidos e desprovidos de tudo.

Mas meu sonho trunca-se, mistura-se, de repente, não são mais o Tom e o Jerry as personagens da farsa. (Freud explicará? Ou quem sabe Yung?).

E lá vão os cupins, pela porta da frente, enquanto os ditos cujos se desesperam e se escondem: no microondas, na geladeira; nos armários, no banheiro e até no vaso sanitário, de onde saem pelos canos de esgoto, que é de onde nunca deviam ter vindo.

Quem pode ajudar-me a decifrar o enigma por detrás da esfinge? Quem seriam essas figuras, caras-pálidas, zombando dos caras-pintadas e democratas de fato? Quem seriam essas figuras, que zigue-zagueiam na abastança, na negligência, no disse que não disse, no não mandei, mas fez, menti mas foi para salvar a honradez!

O sonho prossegue e eu finalmente tenho o prazer há tanto tempo negado, o prazer que quero compartilhar com você!

Tenho o prazer de identificar alguns caras-de-pau da política nacional, arrasados e (car)comidos pelos ansiosos, gulosos e eficientes cupins! E o tiro, saindo pela culatra, tira do cenário nossos (mal) votados patrões, dignidade (?) falida, saindo de bicicleta, para sempre esquecidos na urna, pedalando o nada.

Ufa! Gracias! Está restaurada a honra, a dignidade e, principalmente, a atividade dos cupins.

Mal dos pecados, em seguida, acordo! Pena, mas foi apenas um sonho e chegou ao fim!

Duras são as nossas penas! E raros e fracos os nossos cupins! Já não se faz mais cupins como [antiga]mente!

Acordei, como também devia acordar o povo brasileiro, para poder dormir bem!

Dormir bem, sem ouvir as notícias da noite na televisão, sobre os mandos e desmandos de certos políticos, eternos mandatários da confraria dos tolos (que estão sempre a fazer de nós).

Salvemos os cupins e abaixo a cara-de-pau!